







Henriqueta Thomaz
18-10/7-
1901
Lisboa

MAGDALENA

Henriqueta Thomaz
1901

Tratados e Hymnos Evangelicos

Vende-se na
Rua Sete de Setembro No. 71

RIO DE JANEIRO

Agente:

JOÃO M. G. DOS SANTOS

DEPOSITO

Rua das Janellas Verdes, 32

LISBOA

BARATA & SANCHES (Antiga casa Adolpho, Modesto & C.^ª)

Rua Nova do Loureiro, 25 a 39

1895

BIBLIOTHECA

DE

VICENTE THEMUDO*

N. 649

VOL. 1

DATA ~~18-10-901~~ 18-10-901



CAPITULO I

Magdalena

No mez de fevereiro de 1800, tinha estado um dia lindo, e já na Italia as mais brandas virações annunciavam as suaves emanações das aguas vivas.

Os outeiros que rodeavam a formosa cidade de Florença, debaixo da poderosa influencia do sol, começavam a cobrir-se de verdura. O sol estava desaparecendo no horisonte, lançando o resplendor de seus raios dourados sobre a antiga egreja de *San Miniato al Monte*, e pouco depois se viam as ultimas sobras do pôr do sol.

N'um dos logares mais pobres da cidade, duas mulhe-

res estavam conversando, uma d'ellas sentada no limiar da porta d'uma loja onde se vendia loiça, embalando uma creanca nos braços; e a outra, já de idade, estava ligeiramente entrançando palha para fazer chapeus.

— O' tia, disse a mais nova, moderando a sua voz forte: como está a vizinha de cima?

— Mal, muito mal; o meu homem foi buscar os irmãos da *misericordia* para a levar ao hospital, porque tu bem sabes, Thereza, nós não podemos tratá-la por mais tempo, e lá estará muito melhor do que aqui.

— Pobre creatura. Ella tem tantas apoquentações, disse a mais nova com dó. O que será da creança?

— Devéras não sei, que pena faz, ver que ella fica orpha tão nova! A mãe decerto que não vive muito tempo, disse a velha abaixando a voz; quando ella morrer, a creança fica só no mundo.

— Que tristezas nos rodeiam, exclamou a joven mãe, olhando com ternura para a sua pequenina que abraçou, como se a quizesse resguardar das tristezas que lastimava.

No mesmo instante ouviram-se passos na rua, e appareceram quatro homens com capas pretas compridas, e capuzes que lhes escondiam as caras, á excepção dos olhos que brilhavam por duas aberturas feitas no panno; aos hombros traziam uma maca coberta com um panno preto. Elles pararam defronte da porta da casa; um velho alto e magro os conduzia.

— E' aqui, meus senhores, disse elle, tirando o chapéu com todo o respeito. Teem a bondade de me seguir... Eu abro a-porta, pois já está escuro.

N'um quarto grande, por cima da loja de que já fallámos, estava uma mulher deitada n'uma cama baixa. De vez em quando uma convulsão nervosa a fazia estremecer toda, ou um fraco gemido se ouvia, e nada mais; suas mãos estavam cahidas sem forças sobre a coberta.

Completo silencio ali reinava; imaginava-se que ella estava só, mas n'um canto do quarto, perto da janella, se via um vulto acochado. A sua cabeça estava tão escondida nos joelhos levantados, que só se podiam vêr os cabellos casta-

nhos. Cada vez que a doente gemia, elle estremecia, porém não mudava de posição.

De repente ouviram-se passos na escada, a porta abriu-se e os irmãos da *misericórdia* entraram. Descançaram a maca no chão, e approximaram-se da cama em silencio; a creança com grande difficuldade supprimiu um grito, quando viu entrar aquelles negros vultos; levantou-se, e logo reconheceu os caridosos irmãos, que tinha visto na rua mais d'uma vez. Compreendeu tudo, e socegou immediatamente. Seus grandes olhos se encheram de lagrimas, apertou as mãos convulsamente, e repetiu amiudadas vezes em voz baixa: «Mãe! mãe!»

Ninguem fez caso d'ella. Aquelles homem cumpriam o seu dever em silencio, e com tanto cuidado que a doente quasi que não percebeu que a levavam.

Depois de a collocarem com muito cuidado sobre as almofadas da maca, e a terem embrulhado nos cobertores, cobriram a maca, e os quatro homens partiram, evitando o mais pequeno solavanco. Desceram a escada, por alguns momentos seus passos regulares se ouviram, até que afinal desapareceram; a creança ficou n'aquelle quarto solitario, olhando entre lagrimas para a cama deserta.

* *

Pouco depois Rosa perguntou ao seu *velho* (como ella lhe chamava): Onde deixaram a pequena?

— A Magdalena? estava lá em cima? eu não a vi, que bruto que eu sou! exclamou o velho José batendo na testa. Eu vou buscal-a, ella não deve ficar só n'aquelle triste quarto, coitadinha!

E foi procural-a.

— Oh! minha filha estás ahi?—disse elle, tropeçando no degrau da porta que tinha ficado aberta; não tendo resposta, avançou alguns passos, e viu Magdalena ajoelhada ao pé da cama, com a cabeça encostada sobre a colxa.

— Vamos para baixo, pequenina, disse elle, não fiques aqui tão triste: Rosa fez sôpa para a ceia, e estou certo de

que tens fome. — Dizendo estas palavras, José pegou-lhe pela mão.

— Tio, disse Magdalena em voz baixa, que fizeram da mãe?

— Quem? os irmãos? Levaram-n'a para o hospital, minha joia, e ali a tratarão com cuidado até estar bôa.

— Ella de certo que se cura, não é verdade, tio? — perguntou Magdalena, olhando fixamente para José com o seu triste coração já cheio de esperança.

O pobre velho não tinha coragem para lhe fazer perder a illusão.

— Decerto, sem duvida; ella terá os melhores medicos da villa, — respondeu elle apressadamente, voltando a cabeça, porque não podia supportar o olhar supplicante da creança, e disse-lhe: «Vamos, pequenina não devemos fazer a sôpa esperar.»

Magdalena levantou se, e seguiu o socegradamente, e em breve estava assentada n'um quarto quadrado que servia de arrecadação, quarto da cama, e cosinha.

Sobre a mesa estava uma travessa cheia de fatias de pão, sobre as quaes Rosa tinha deitado o conteúdo da panella, que tirou do lume n'aquelle momento.

Era simplesmente agua com algumas colheres d'azeite, temperada com cebollas, feijão, e algumas hortaliças pouco cortadas.

Apezar da frugalidade da ceia, Magdalena ficou contentissima quando Rosa a serviu da tal sôpa, acompanhada d'uma fatia de pão de toda a farinha. Seus olhos recuperaram o brilho, e suas faces a côr, emquanto tomava o caldo quente.

— Vejam, disse Rosa olhando para ella, consola vê-la comer, decerto que tinha muita fome, coitadinha!

Quando se concluiu a refeição, a pequena offereceu-se para ajudar a velha a lavar a loiça, e mostrou o geito que tinha para esse trabalho; não sabendo depois o que havia de fazer, foi ter com José á loja, que estava allumiada por um candieiro d'azeite, fixo na parede. Aqui se divertiu um bocado vendo quem passava, e contando os montes de panellas e alguidares de diferentes tamanhos que enchiam a loja, porém veio-lhe o somno, assentou-se n'um canto e adormeceu.

Tanto José como sua mulher se esqueceram que ella estava ali; mas quando iam fechar as portas da loja, é que a viram, e ficaram sem saber o que haviam de fazer.

José disse em voz baixa: «Não devemos nós acordal-a e mandal-a deitar?»

Rosa sacudiu a cabeça e disse: «Ella não pode dormir sósinha lá em cima, porque terá mêdo.»

— Mas não temos onde a deitar.

— Deixal-a ficar onde está, hoje; ella dorme tão socegada. Não a acordemos, e amanhã veremos o que se pode fazer,

— O senhorio virá tomar posse dos poucos moveis que restam, — disse José em voz baixa, quando apagava o candieiro da loja.—A pobre creança fica desamparada, e nós não a podemos deixar.

Rosa resmungou:

—Eu bem sei o que estás pensando, meu velho, desejas que ella fique comnosco; mas já nos custa bastante ganhar a vida sem augmentar as nossas despezas, e tu ainda agora dissestes que não sabias onde se havia de lhe fazer uma cama.

— Não importa, disse o bom velho; nós podemos arranjar-lhe um cantinho onde guardamos as caixas vazias, e o sacco do carvão. Eu limparei tudo amanhã: arranjaremos um colchão de palha de milho, e aposto que ella então ficará tão bem que se julgará uma pequena rainha.

E accrescentou:

—Verás que a creança ainda nos ha de ser util, ella aprenderá a servir os freguezes e fazer os recados; o comer de dois chega para tres.

— Seja assim por emquanto, disse Rosa; depois, se não podermos continuar, facilmente lhe arranjamos uma casa,

Temos a certeza de que Rosa não tinha mau coração, pelo bom acolhimento que deu á creança, mas era mais interesseira do que o marido.

Emquanto as unicas pessoas que se interessavam por Magdalena discutiam da sua sorte, ella dormia socegradamente, sem suspeitar o quanto era séria a discussão.

Quando acordou na manhã seguinte, não se admirou de

vêr onde estava. Pediu logo para ir ver sua mãe; porém José oppoz-se, affirmou-lhe que a não deixavam entrar no hospital, que elle iria assim que podesse, e lhe traria noticias de sua mãe.

Este foi um dia bem triste para Magdalena! Ella viu levarem os poucos moveis que restavam no quarto onde ella tinha vivido com sua mãe, o qual foi despejado e limpo, Ella só pôde guardar o seu fato, e um livro encadernado de preto, que tinha visto muitas vezes nas mãos da doente, e no qual lá tinha lido algumas vezes para sua mãe ouvir. O senhorio, que era um homem ordinario e brusco, cheio de avareza, desejava encontrar alguma coisa de valor, e, achando o tal livro, examinou o, e revirou-o com suas mãos negras pelo trabalho: «O que é isto? disse elle a Magdalena asperamente, a qual tremia ao seu lado.

— Ó senhor! por favor não me tire esse livro, que era do avô. A minha mãe gostava tanto d'elle, e terá tanta pena se o não encontrar quando voltar do hospital... Peço-lhe que o deixe, elle já está tão velho,

— E' verdade, — disse elle com mau modo, e vendo que de nada lhe servia, atirou o desprezado volume a Magdalena que fugiu com elle, e o fechou n'uma caixa onde ella cuidadosamente tinha guardado um tosco retrato de seu pae, que tinha morrido havia mais d'um anno.

Depois d'uma longa ausencia, José voltou para casa, e não se apressava para responder ao olhar ardente e de imploração que estava fixo n'elle. A sua honrada physionomia só exprimia apoquentação e tristeza. Magdalena percebeu logo que as noticias não eram boas.

— Como está a mãe? Está melhor?

— Não, pequenina, quero dizer... sim, disse o bom homem, resolvendo-se de repente, e lembrando-se da vida eterna. Ella está completamente bôa agora, e pede-te que sejas bôa, e que não chores demasiadamente se a não vires por bastante tempo.

Magdalena encarou-o com admiração,

— Tudo está acabado? disse Rosa brandamente.

José affirmou com a cabeça.

-- Deus tenha compaixão da sua alma, disse a velha.

Magdalena então comprehendeu tudo, e disse: «A minha mãe morreu! nunca mais a torno a vêr! Ó minha mãe, minha mãe!»

E começou n'um choro convulsivo, o qual por mais que José e sua mulher fizessem, não podiam abrandar. Aquella noite a orphã adormeceu chorando; nada podia desvanecer os tristes sentimentos que a opprimiam.

Pobre pequena! Ella pouco sabia que havia um Deus, e na sua magua não se lembrava que tinha um Pae no céu, cujo coração trasbordava de amor e compaixão por ella.

CAPITULO II

A mãe de Magdalena

A mãe de Magdalena tinha nascido na Suissa, no cantão de Hand. Era filha d'um homem pobre mas respeitavel, que tinha servido ás ordens de Napoleão I.

Depois da guerra em França, elle voltou para a sua terra nativa, mas não pôde tornar a seguir a agricultura que tinha abandonado havia tantos annos, e como tinha poucos meios, ficou satisfeito por alcançar o logar de correio na villa. Elle casou e teve uma filha, que por muitos annos foi a causa da completa felicidade do seu humilde lar.

João Gabriel era um homem recto e piedoso, e nunca finalisava o dia sem lêr um capitulo na Biblia, e orar com sua familia. Mas infelizmente não soube abrandar a austeridade de seus principios; elle era austero para si, e para os outros. Sua mulher era de uma natureza docil e timida, amava muito seu marido, e elle guiava-a em tudo, mas com sua filha Catharina não se dava o mesmo caso; ella herdou a firmeza de seu pae, que ás vezes se tornava em teima. Sendo moça, alegre, e tendo attractivos, desejava divertir-se, e quando seu pae se oppunha que ella fosse ás festas da villa, fazia-se surda, e desobedecia-lhe. Tristes scenas houveram, e a paz e socego abandonaram aquelle lar. Os sentimentos de João maguaram-se; elle zangou-se com a frivolidade de sua filha, e em vez de a levar pela brandura e afeição, cada vez se tornou mais severo e frio,

e Catharina mais petulante e senhora de sua vontade. Por esse tempo estavam construindo um caminho de ferro perto da villa onde havia trabalhadores italianos, que tambem iam ás festas, e namoravam as raparigas. Catharina atrahiu a attenção d'um d'elles, ennamorou se d'elle, e pouco tempo depois tinha contractado casamento. E' verdade que esta imprudente menina fez tudo isso sem consentimento de seus paes, e que grande desgosto lhes deu ! João fez tudo quanto pôde para evitar que sua filha casasse com um estrangeiro desconhecido, e que tinha differente religião, mas nada conseguiu, ella persistiu na sua resolução.

Seu pae, indignado e zangado, deixou-a seguir o seu caminho, e recusou-se a dar-lhe a sua benção quando casou. Catharina pouco depois partiu com seu marido, levando no seu coração o peso da justa colera de seu pae.

Toda a communicacão entre elles acabou. Ninguem ouvia fallar aos paes, da filha prodiga. Poucos mezes depois a mãe morreu, pela grande magoa que tinha e que não podia supportar, e João ficou só.

Os cabellos se tornaram brancos pela tristeza e dôr, e envelheceu, mas ainda assim a sua vigorosa constituição a tudo resistiu. Elle elevou os seus olhos para o céu e pediu a protecção de Deus. Continuou por alguns annos a cumprir fielmente os seus deveres como correio, e um cão grande o seguia sempre, como se fosse a sua sombra.

Emquanto a Catharina, primeiramente andava de terra em terra, conforme os sitios onde seu marido tinha trabalho. Pedro trabalhava muito, elle era sério e moderado, muito bom para ella, contentava se com pouco, entregava tudo quanto ganhava a sua mulher, e o nascimento de Magdalena completou a felicidade conjugal. Afinal Pedro arranjou um bom emprego em Florença, e Catharina alcançou o logar de porteira n'uma casa rica. Assim passaram alguns annos felizes, e juntaram algum dinheiro, mas um triste dia trouxeram Pedro morto para casa. Uma grande pedra, que estavam elevando sobre uma roldana, sendo muito pesada, quebrou a corda, e cahiu esmagando o ineliz trabalhador. Catharina ficou como louca, com difficul-

dade poude resistir a tão grande magoa, continuou entregue á sua dôr, abandonou o serviço, e entisicou. Foi despedida, e depois alugou um quarto por cima da loja de José. Ella conhecia aquelle homem, por elle ir fazer as limpezas no palacio onde ella era porteira.

Pobre mulher! ella tinha esquecido e desprezado a Deus! Eatava chegada a sua hora, a quem podia ella procurar para a ajudar e consolar? A sua situação cada vez se tornava mais dolorosa, a doença a tinha enfraquecido, já não podia trabalhar, o seu peculio diminuia, e sentia approximar-se a morte; o que seria de sua filha? e para onde iria ella?

Foi então que, tendo sua alma perdido todas as esperanças terrestres, que ella se lembrou de Deus. Reflectindo no passado, comprehendeu o quanto a sua conducta para com seus paes tinha sido cruel, e especialmente o quanto ella tinha sido ingrata para com Deus. Ardentemente desejando o perdão e socego, ella tratou de os encontrar na velha Biblia, presente de seu pae, e que ella havia annos tinha desprezado. Magdalena via sua mãe abrir este livro todos os dias, depois tapar a cara com as mãos, e chorar por algum tempo; isto causava admiração á creança, que perguntava ás vezes a sua mãe porque o fazia. mas Catharina nada lhe respondia, julgando-a demasiadamente nova para comprehender a causa das suas lagrimas. As suas orações afinal foram respondidas, e Jesus lhe deu o perdão que ella tanto desejava. Sua alma encheu-se de alegria e gratidão, e veiu-lhe ao conhecimento que não tinha cumprido o mais importante dever de mãe, pois não tinha instruido sua filha nas verdades do Evangelho. Catharina não se enganava, ella sabia que Magdalena em breve ficaria só no mundo, ignorante, e entre estranhos, e essa idéa lhe era bastante dolorosa.

— Oh! se eu de pequena a tivesse feito conhecer o seu Salvador! disse ella com tristeza: o que eu agora lhe podér ensinar, ella facilmente esquecerá.

«Pobre creança! o que será d'ella?» era o constante pensamento da mãe.

Teve uma idéa repentina. Com mão tremula escreveu

uma carta, que lacrou e mandou deitar no correio por Magdalena, que ficou surprehendida, por não estar acostuada a ver sua mãe escrever pelo correio.

Quando a creança voltou, a doente tinha acabado de ter uma repetição da febre intermitente que a tinha prostrado: chamou sua filha para seu lado.

— Magdalena, lhe disse ella brandamente; eu nunca te disse que tinhas um bom avô, que vive n'uma terra linda chamada Suissa, muito longe d'aqui. Foi a elle que escrevi, e se elle ainda fôr vivo, o que eu espero, estou certa de que virá tomar conta de ti.

— Elle levar-nos-ha, mãe? perguntou ella, abrindo muito os olhos.

Catharina voltou a cabeça para esconder uma lagrima; o que não daria ella para se achar outra vez n'aquella humilde choupana, no fim da villa, pertod'uma figueira, da qual ella parecia estar respirando o reflorescente aroma.

— Sim, minha filha, nós iremos com elle, ou para melhor dizer, tu. Tu serás bôa, meiga e respeitarás teu avô; elle te ensinará muitas coisas que eu te devia ter ensinado, tu o escutarás, e lhe obedecerás em tudo, sim?

— Sim, mãe, respondeu Magdalena que sentia o coração opprimido, sem saber porquê, e olhando de repente para o livro preto que sua mãe tinha na mão, disse impaciente: «Mãe, porque está sempre a ler aquelle livro, que a faz tão triste? — deixe-me tirar-lh'o.»

— Não, não, Magdalena, ao contrario este livro é o meu maior thesoiro e consolação; elle me falla do amor de Deus e do seu perdão! Magdalena, se eu peiorar, e se fôr da vontade de Deus chamar-me á sua presença, promette-me que has de guardar aquelle livro até vir teu avô, esconde-o de todos para que t'ô não tirem; teu avô te ensinará a lêr n'elle muitas vezes — disse ella suspirando — e lembra-te, quando o estudares, de que n'este Evangelho consistiu toda a minha felicidade no fim da minha vida.

Magdalena ficou impressionada, beijou sua mãe, prometteu cumprir o que lhe pedia, ainda que pouco comprehendeu. Ella fallava um pouco o francez, mas lia-o mal, O italiano era a sua lingua usual.

Desde aquelle dia Catharina enfraqueceu rapidamente. Foi esta a ultima conversa que teve com Magdalena, e n'aquella noite os irmãos da *Misericordia* a levaram para o hospital, onde morreu.

CAPITULO III

O avô

N'uma noite fria de janeiro, um vigoroso velho achava se assentado, só, n'uma choupana que ficava um pouco distante de certa villa da Suissa. Sobre uma mesa estava um livro aberto, com uns oculos sobre elle, o que mostrava que o velho tinha estado a ler. O velho tinha-se levantado n'aquelle momento para deitar carvão no fogão, que se ia apagando. Assentou-se outra vez, tornou a levantar-se, e foi ao pé da janella.

«Vae regelar esta noite», disse elle consigo. «O gelo estala debaixo dos pés. Quanto se deve ter dó d'aquelles que não têm casa! Muito estimo ter abandonado o logar de correio este inverno, o que dizes Sirrah?» ajuntou elle fazendo festas ao seu cão, que observava todos os movimentos de seu dono. De repente ouviu-se abrir a cancella do pequeno jardim, sentiu se um passo apressado e firme, e o cão foi ladrar para a porta da cosinha. «Quem será tão tarde?» disse o velho.

— Olá! sr. João Gabriel, faça callar o seu cão, e abra a porta. Sou eu, Pedro o correio.

João Gabriel—pois era elle—obedeceu apressadamente ao pedido do seu successor, porque a idade e canção de trabalhar o obrigou a descansar. O joven entrou sacudindo o gelo, e trouxe consigo uma aragem tão fria do argelado, que fez estremecer o velho.

—O que trazes? disse João.

—Novidades, pae João, novidades! uma carta para si de muito longe.

—Uma carta! d'onde vem? eu não espero carta de pessoa alguma.

—Isso é consigo, desejo-lhe muito boas noites. Eu te

nho que ir muito longe, não tenho tempo para conversas.

Antes de João ter tempo de lhe offerecer uma pinga de café —porque vinho não tinha—o correio tinha desaparecido.

João, ficando só, accendeu o seu candeeiro, assentou se ao pé da mesa, poz os oculos e pegou na carta que examinou por todos os lados antes de a abrir.

Afinal abriu a e leu a. A sua physionomia, ao principio carrancuda, gradualmente se tornou branda; suas mãos trigueiras tremiam commovidas. Depois de a ler, dobrou-a e collocou a sobre a Biblia; depois levantou-se, tirou o bonnet, e grossas lagrimas lhe correram pelas faces, dizendo: «Senhor eu te agradeço, as minhas orações foram ouvidas. Tu encontraste a minha ovelha desgarrada: louvado seja o teu nome. Oh! santo Deus!»

Eis a carta que elle tinha acabado de ler :

Meu pae: permitta me que assim o chame! Meu pae, perdoe-me! Esqueça-se da minha maldade e ingratidão para comsigo e minha boa mãe! O Senhor me encontrou, Elle me levou o meu marido, o meu bom e fiel Pedro. Elle me despedaçou o coração tirando-lhe o seu idolo; prostrou-me n'uma cama doente, onde todos os meus peccados se apresentaram. Então considerei-me perdida. Implorei o Senhor pedindo-lhe que me ajudasse, Elle ouviu-me, teve dó de mim, e tranquilisou me! Meu pae, não perdôa e ama a sua filha arrependida? Tanto desejava tornar a vel-o. Eu sinto-me muito doente, decerto que pouco posso viver, e morro com o coração amargurado, porque deixo uma filha, a minha pequena Magdalena, só entre estrangeiros, sem meios de subsistencia, e ignorando tudo que deve fazer. Ai de mim! a má filha tambem foi má mãe. Oh, venha meu pae! Eu morreria tão socegada se pudesse receber o seu beijo de reconciliação, e entregar a minha filha em suas mãos!

Sei bem que meu pae a ensinará a amar a Deus, e ella o amará tambem. Ella lhe será dedicada, e sua fiel companheira na sua velhice. Não posso escrever mais. Adeus! Deus diete a sua resposta.

Catharina.

Esta foi a carta que João recebeu. Depois de ter orado, mostrando assim a sua gratidão para com Deus, e agradecendo-lhe a sua bondade sem limites, poz uma capa de lã grossa, puxou o seu bonnet de pelles por cima das orelhas, apagou o candieiro, pegou no bordão e sahiu, seguido pelo seu cão, que saltava de alegria, admirado d'este passeio nocturno.

Em poucos passos João estava na rua principal da villa, voltou á esquerda, parou perto da egreja, defronte d'uma casa com janellas verdes e brancas, que era a casa do veneravel cura da villa.

O creado, que veiu á porta sem demora, exclamou surprehendido : «O que! sois vós, sr. João? a esta hora tão tarde? Decerto que faz mal andar por fora n'uma noite tão fria.»

— Eu não sou tão delicado, meu filho. O seu patrão está em casa?

Poucos momentos depois o velho entrou n'um quarto simplesmente mobilado, onde o cura estava assentado ao pé do lume, meditando sobre o proximo sermão.

— O que ha de novo, meu bom João? disse o senhor Ramiro com um modo agradavel.

— Leia, senhor, disse João, tirando a carta da algibeira do colete, e dando-a ao cura, que a leu em silencio, mas sua sympathica physionomia expressava bem o sentimento e a compaixão que elle sentia.

— Bem, João, disse elle afinal. Esta resposta ás tuas orações é maravilhosa; a tua fê e paciencia foram por fim recompensadas.

— Ah! senhor! Eu não merecia tanto, tenho muitas vezes pensado que talvez a minha severidade ajudasse a desviar a minha pobre filha. Eu estou muito commovido e grato. Mas posso-lhe assegurar, senhor, que estou bem apoquentado por causa d'ella.

— O que tencionas fazer?

— Vou partir immediatamente.

O cura assustou-se.

— Partir na tua idade, n'um tempo tão frio! é uma loucura, meu amigo!

João sacudiu a cabeça.

— Quer seja loucura quer não, eu vou. É impossivel deixar de responder a este ancioso pedido. Demais já está a creança, eu não a posso deixar entre os catholicos romanos. Pense bem, senhor!

— Mas pode escrever a Catharina, emquãto eu da minha parte darei os passos necessarios para que sua neta seja protegida pelos protestantes que estão ali, até poder mandal-a buscar,

João reflectiu um instante.

Não, senhor, disse elle afinal, eu devo ir, porque ainda tenho esperanças de encontrar minha filha viva, e gostava de lhe dar a satisfação que ella tanto implora. Florença fica muito longe?

O pobre homem pouco imaginava da grande distancia que o separava dos thesoiros que descobrira, e tencionava fazer a jornada a pé de bordão na mão, e Sirrha ao seu lado.

O senhor Ramiro, em quanto João punha os olhos, abriu o mappa para lhe mostrar a grande distancia que tinha de andar, e quiz convencel-o de que era impossivel o que elle queria emprehender. Quando lhe fallou no caminho de ferro, logo declarou que nunca entraria n'elle, porque aquellas horriveis machinas lhe faziam medo, e demais estava acostumado a dar grandes passeios a pé.

— Além d'isso, disse elle, eu não tenho dinheiro para gastar, e não seria pequena a despeza viajando como um ricaço, emquanto que, indo a pé, posso levar a minha rebeca, e tocar nas differentes villas e cidades por onde passo, e sempre ganho alguns vintens. Ha muita gente que viaja assim d'umas terras para as outras.

— Sim, mas já perdestes o habito d'esses passeios, meu bom João; e se te aproveitasses das facilidades com que se viaja agora, chegarias muito mais breve.

João sacudiu a cabeça.

— As pessoas de idade, como eu, não gostam de novidades, disse elle, muito lhe agradeço os seus conselhos, mas prefiro seguir os meus planos, e emquanto ao resto Deus proverá.

Vendo que nada convencia o seu parochiano, afinal persuadiu-o a que atravessasse os Alpes na diligencia, e que fôsse de Genova por mar, porque isso encurtaria muito a sua jornada.

—Espera, João, disse elle apressadamente, fazendo um cartucho de moedas de prata; toma isto em signal de amizade, porque ficarei mais descansado a teu respeito, de certo que não tens dinheiro junto.

—Não aceito, obrigado, disse João, pondo de parte a generosa dadiwa. Estou certo de que nada me faltará. Deus sabe muito bem o que necessito, e nunca recebi soccorro senão de Deus.

—Então meu bom amigo, não recuses esta pequena lembrança, pois é pelo amor de Deus que te peço que tomes este dinheiro. Elle é o meu Senhor e me ordena n'este momento que te entregue isto,—continuou o senhor Ramiro com sua branda authoridade, e pondo o dinheiro na mão do velho, cujos olhos estavam cheios de lagrimas.

—Devo sujeitar-me: já que pertence a Deus essa dadiwa, aceito-a, e a Elle imploro, que lhe pague todo o bem que me faz. Adeus; se nos não tornarmos a vêr n'este mundo, disse João tremendo, nós nos encontraremos no céu.

Estavam ambos commovidos, e apertaram as mãos em silencio. O senhor Ramiro deu algumas explicações por escripto a João, e separaram-se.

Muito cedo na manhã seguinte, João abafou-se quanto pôde, e com sua machila e rebeca ás costas, foi com passo firme caminho de Genova. Sirrah seguia o de cabeça baixa, provavelmente meditando sobre a estranha conducta de seu dono.

—E' exquisito,—disse uma das vizinhas falladoras, no dia seguinte, quando ia á fonte com a sua bilha,—a casa de João está fechada, onde iria elle?

Ninguem lhe respondeu; e passados alguns dias a novidade passou, e as mulheres na fonte já não fallavam da casa fechada.



CAPITULO IV

O Rebequista

Uma linda manhã na primavera, Magdalena estava assentada á porta da loja, á espera dos freguezes porque José estava ausente, tratando d'outros negocios e Rosa preparava o seu simples jantar.

A pequenina estava assentada com a cabeça encostada á mão, olhando para quem passava, e para os numerosos carros carregados de fazendas, que paravam ás portas de S. Frediano, para pagarem os direitos, antes de irem para

a praça, os quaes faziam bastante bulha, com os estalos dos chicotes, e os cavallos cheios de campainhas. Em pouca distancia estavam umas creanças esfarrapadas brincando, e disputando qual jogava melhor.

No meio d'esta confusão, Magdalena estava pensativa, e grossas lagrimas lhe corriam pelas faces pallidas. Ella pensava em sua mãe, a sua falta e saudade de dia para dia augmentava. Apesar da bondade de José e sua mulher, ella achava-se muito só, e bastante a opprimia a idéa de estar ali por caridade.

—Oh! se meu avô viesse, pensava ella, elle me levaria, e eu não me sentiria tão só!

De repente se ouviu uma rebeca ao longe. Ella levantou a cabeça e escutou, pois gostava extremamente de musica. O musico ainda se não avistava, mas o som se approximava, e Magdalena pouco depois viu no fim da rua, rodeado d'um grupo de creanças, um velho alto, com uma apparencia respeitavel, mas com o fato tão empoeirado, como se tivesse feito uma longa jornada.

Tinha um cão ao seu lado, com uma pequena bandeja na boca para receber o dinheiro que lhe davam. O estrangeiro, enquanto tocava, olhava como quem procura alguem. Magdalena tambem se reuniu ao rancho. Quando elle acabou de tocar, olhou para as caras animadas que o rodeavam, e, collocando a rebeca ao hombro, disse hesitante: «Algumas d'estas meninas falla francez?»

Ao som d'estas palavras n'uma lingua estranha e diferente da sua, ellas começaram a rir, tocando umas nas outras. Só Magdalena é que ficou séria, e tendo comprehendido a pergunta do velho, sentiu logo bater-lhe o coração; tomando animo, disse em voz baixa, com a pronuncia um tanto italiana:

—Eu entendo um pouco o francez, se lhe podér ser util terei n'isso muito prazer.

—Oh! louvado seja Deus! disse o musico animando se, talvez saiba tudo que quero; diga-me, minha pequenina, onde é uma rua chamada S. Frediano?

—E' esta mesma, responderu a creança.

O velho não pôde deixar de se mostrar surprehendido.

—Conhece, disse elle, um homem chamado José, que tem uma loja de loiça?

—Elle mora ali, disse Magdalena apontando para a pequena loja. Eu vivo com elle,—ajuntou ella, olhando fixamente para elle.

—Tu vives n'esta casa? então não ha duvida que me poderás dizer se uma mulher chamada Catharina tambem lá vive?

Com esta pergunta a creança debulhou-se em lagrimas. «Mãe! mãe!» disse ella em palavras soltas; «E' o avô, estou certa de que é.»

—O que dizes, filha? serás tu Magdalena?

Ella sorriu-se, apezar das lagrimas.

João Gabriel, pois era elle, conduziu-a para a loja, para evitar a curiosidade dos espectadores que os rodeavam. Pegou n'ella e abraçou-a por muito tempo, o que causou grande espanto a Rosa, que entrava pelo outro lado da loja.

Grossas lagrimas cahiram sobre a creança, enquanto ella contava a seu avô a morte de Catharina.

—Então não a tornarei a ver n'este mundo, disse João em voz triste e baixa. Ella não recebeu a minha carta?

—A mãe não recebeu carta alguma, disse Magdalena.

—Ah! minha pobre filha! que infelicidade! Foi posta no correio no dia que parti. Deus não lhe quiz dar essa consolação antes de morrer. A sua vontade não é a nossa!

Quando José voltou para casa, Magdalena contou o que tinha succedido, aos dois assombrados velhos a sua jornada, e palavras de agradecimento pelo bom acolhimento que lhe tinham dado.

Fazia-se tarde, e João necessitava descanso, estava fatigado e moido pela sua apressada jornada. Depois de lhe darem alguma sôpa, arranjaram lhe uma cama n'um canto da loja, onde elle se deitou, com seu fiel Sirrah aos pés.

Na manhã seguinte Magdalena, sem reflectir que seu avô estaria ainda muito fatigado, pediu-lhe para ir com ella ver a sua linda Florença. Elle consentiu para a satisfazer, e ella levou-o de rua em rua, e a todos os sitios notáveis.

Porém elle não se entusiasmou como ella esperava. O immenso palacio dos *Guelfos*, com suas frentes sombrias, grandas pedras curvas, e seus altos portões, sempre vigiados, opprimiam e assustavam o velho. Mas quando viu a *Campanile de giotto*, então fez uma exclamação de admiração e surpresa, que devéras alegrou Magdalena, a qual dançou á roda d'elle com aquella vivacidade italiana.

— Não é lindo, avô?

— Sim, sim, não é mau, Dize-me para que serve aquella alta torre de differentes côres?

— É' o relogio, avô.

— O relogio? mas porque está só?

— Oh! não, veja d'aqui a torre. Entremos?

Quando entraram debaixo da magestosa abobada d'aquelle nobre edificio, João sentiu uma reverencia religiosa, e tirou o chapéu com todo o respeito, porém a tranquillidade de sua alma se indignou, quando viu as estatuas da Virgem, as imagens, dos santos, os devotos ajoelhados defronte dos altares, dando culto a homens, não a Deus; e especialmente quando, antes de sahir da igreja, viu Magdalena molhar o dedo na agua benta, e fazer o signal da cruz.

— O quê! disse elle apressadamente, tu és catholica romana?

— Eu não sei, disse ella um tanto assustada de vêr a expressão severa do velho; aqui sempre fazem isto quando entram nas igrejas.

— Vamo nos d'aqui, disse João empurrando-a pelos hombros. Parece que estamos entre deidades pagãs; quanto mais depressa nos formos, melhor; tu estás quasi catholica romana, e são capazes de te reclamar como pertencente á sua igreja.

Assustada com esta inesperada admoestação, Magdalena seguiu seu avô, que saiu da igreja. Depois d'isso não quiz o velho ver mais igrejas, fosse qual fosse a belleza da sua architectura ou riquezas artisticas. João pouco se importava. As suas idéas só se occupavam de voltar para a sua terra, e continuar com sua vida habitual, em companhia da creança que já possuia todas as affeições de seu coração, cuja moral elle esperava desenvolver pelas influen-

cias contrarias áquellas a que ella estava exposta em Florença. A prudencia lhe pedia que descansasse um pouco, antes de começar a sua longa jornada. Portanto accitou com gratidão a hospitalidade dos protectores de Magdalena, que os obsequiaram o mais possivel e não quizeram receber remuneração alguma pelo bem que os trataram.

João bastante desejava ir visitar a sepultura de sua filha; mas o seu corpo tinha sido enterrado na valla, e não tinha tumulo nem cruz que designasse onde a mãe de Magdalena repousava.

Foi um cruel desengano para o velho, que estava habituado a vêr os tumulos no cemiterio da sua terra, onde cada pobre descansava em paz na sua cova.

No fim da semana João disse a Magdalena que se preparasse para partir, e a prespectiva da jornada não a assustou. As creanças gostam de mudanças e novidades; ella não sabia a grande distancia que tinha que andar, não tinha a mais pequena idéa que se despedia de Florença talvez para sempre. Encantada com a descripção, que seu avô lhe tinha feito de sua casa, ella imaginava prados, flôres lindas, arvores de fructa, e liberdade de passear nos campos. «Uma bonita choupana para mim e o avô» dizia ella a Rosa com simplicidade. Ella sentia afeição e respeito por seu avô, e debaixo da sua protecção considerava-se feliz.

Ella sabia que elle era pobre, e a jornada comprida, mas nada a apoquentava. As creanças pouco pensam nos cuidados e receios do dia d'amanhã.

No seu coração se lhe despertava um novo sentimento.

Todas as noites seu avô collocava o livrinho preto nos joelhos, a pequenina seguia linha após linha apontando com o dedo, e escutando silenciosamente as mensagens de paz que a sua pobre mãe não lhe pôde fazer comprehender.

— Avô, disse ella na vespera do dia fixo para partir; Deus pôde vêr-nos agora? Elle sabe que partimos amanhã?

— Sem duvida, Magdalena. Deus está em toda a parte, elle sabe tudo a nosso respeito.

— Então elle acompanhar-nos-ha?

— Decerto, minha filha, e Elle nos livrará de todo o mal.

— Ah! muito estimo saber isso, disse Magdalena suspirando. A sr.^a Rosa disse-me que a Suissa é muito longe, e que é muito custoso lá ir.

— Descança, minha pequenina,— respondeu seu avô, alizando seu cabello castanho, sempre um pouco aspero — E' verdade que ha difficuldades, mas Deus nos protegerá, assim como Elle já fez dando-me meios para eu poder vir buscar-te. Se Rosa te disser mais alguma coisa a esse respeito, dize-lhe só que o que Deus guarda está bem guardado.

O coração de Magdalena estava cheio de confiança, e não se enganou. Na manhã seguinte elles encontraram o que não esperavam.

Um dos amigos de José partia com um trem vasio, e generosamente offereceu levar os dois viajantes, e lhes poupou muita fadiga.

Magdalena despediu-se com bastante sentimento dos seus velhos protectores; e muito lhe custou deixar a casa onde tinha vivido com sua mãe: José tambem estava bem triste com a partida d'ella.

— Eu a sustentaria com prazer, coitadinha,— disse elle, alimpando uma lagrima com a manga, quando a carruagem desaparecia.

— Sim, disse Rosa, e eu tambem, se não fosse aquella pequena, nossa parente, a qual não gostava de vêr Magdalena em nossa casa, e achava que era melhor adoptarmos alguma pessoa de nossa familia. Isto me disse ella uma vez, e se Magdalena tivesse ficado comnosco, decerto que teriamos algumas zangas.

— Ora! o que tinha isso! — disse José, encolhendo os hombros, e continuando o seu trabalho.

Entretanto o trem se affastava de Florença, os ultimos declives das graciosas montanhas que rodeavam a formosa cidade, tinham desaparecido no horizonte. As mais altas torres gradualmente desapareciam tambem na escuridão. De repente Magdalena entristeceu. Ella desejava bastante tornar a vêr a alegre e formosa cidade, onde tinha passado os felizes dias da juventude, e onde ti-

nha deixado as sepulturas de seus paes. Parecia-lhe que parte da sua existencia ali ficava, e deitando se de repente nos braços de seu companheiro de viagem, com uma apaixonada exclamação de magoa, disse: «Avô, não tornaremos a voltar lá?»

Por algum tempo soluçou, o que bastante apoquentou o pobre João, que em vão procurou aliviar suas penas, porque elle não lhe podia prometter voltar á cidade de Florença.



CAPITULO V

O Senhor provera

Chegámos aos primeiros dias de abril. Ligeiras nuvens corriam no céu azul claro, levadas ligeiramente pela brisa

odorifera das florescentes arvores, cujos ramos de flores brancas e côr de rosa, davam um ar festivo ao campo, celebrando a chegada da primavera. No centro dos troncos novos, cobertos de verdura, os passaros chilreavam e esvoaçavam; e muito longe, ao perder de vista, a cotovia cantava ao Creador hymnos de alegria e gratidão.

Em certos sitios na Saboia, os caminhos dão voltas tortuosas entre lindos prados bem cultivados. Ainda é a fértil vegetação italiana. A videira está suspensa nos troncos da amoreira branca, o castanheiro prolonga a sua sombra aos prados pagantes, e o cypreste curva sua melancolica ramagem ábrisa nocturna.

Era meio dia, e os tres viajantes caminhavam com passos vagarosos e cançados; pareciam não poder supportar o calôr do sol, que áquella hora brilhava perpendicularmente. «Avô,» disse uma desfallecida voz, «chegaremos em breve a alguma villa?»

«Eu não sei; porém anima-te, minha filha, nós iremos descançar debaixo d'aquelles castanheiros; apesar de não estarem ainda todos copados, sempre nos abrigarão dos ardentes raios do sol.» O velho então poz o braço de roda da creança para a ajudar. O cão, com a lingua de fóra, estava esfaldado, e latejando com o calor.

Estes viajantes são os nossos tres amigos, porém muito mudados, desde que deixaram Florença. Magdalena está mais magra, e sua physionomia expressa canção e anciedade. João está dobrado, já não tem força para endireitar-se, e seus passos não teem firmeza. Coitado, tinha adoecido em Genova, e gasto tudo quanto tinha. Vagorosamente e cançado caminha; só lhe resta um desejo, que o acompanha a toda a hora; é poder levar a neta para a sua querida Suissa, e entregal-a ao cuidado do bom senhor Ramiro.

No dia que descrevemos, elles tinham andado desde pela manhã, porque quanto mais João se approximava da sua terra, mais impaciente estava, e pouco se demorava nos differentes logares.

O caso era que elle se não sentia bem, mas nada queria dizer a Magdalena, para não a assustar.

Elles encontraram um canto muito abrigado debaixo dos castanheiros, onde todos os tres descansaram. Magdalena tirou d'um embrulho algum pão, chouriço e meia garrafa de agua e vinho. Depois de terem acabado a sua frugal refeição, que escrupulosamente partilharam com Sirrah, Magdalena disse: «Avô, ainda hoje não tivemos a nossa leitura do costume.»

— Bem, pequenina, pega na Biblia e lê alguns versos.

A creança, que estava algum tanto orgulhosa pelos progressos que tinha feito na leitura, abriu o sagrado volume n'aquelles lindos versos de S. João. «Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede tambem em mim. Na casa de meu Pae ha muitas moradas: se assim não fôra, eu vol-o tivera dito: pois vou apparellhar-vos o logar.»

Magdalena parou aqui, e disse:

— Avô, que qualidade de morada foi Jesus preparar para nós?

— Eu não te posso dizer exactamente, mas estou certo de que deve ser linda.

— E teremos uma, só para nós, avô, com o pae e a mãe?

— Decerto. porque Jesus assim o disse.

— Oh! quanto eu desejava estar lá agora! — disse a pequenina suspirando, e olhando attentamente para o extenso céu azul

O velho collocou a mão sobre a cabeça da pequena, dizendo: «Porque desejas isso tão ardentemente?»

— Porque estou tão cançada e me parece que lá estaria tão bem.

— Magdalena, lembra-te de que só debaixo d'uma condição é que se pôde ir para o céu.

— Qual é, avô?

— É amar a Jesus sobre todas as coisas no mundo. Em tendo conseguido isso, Elle mesmo te virá buscar, e te levará para aquellas moradas, onde nós estaremos á tua espera.

— Mas avô, porque diz: onde nós? Vae-se e deixa-me? Oh! o que será de mim ficando só?

Approximou-se de seu avô, e começou a chorar. Elle abraçou-a, e com o semblante triste, disse:

—Eu não sei, Magdalena, qual é a vontade de Deus a meu respeito. Por tua causa, minha querida, desejava que Elle me deixasse estar mais algum tempo n'este mundo. Não obstante, se eu te deixar, não tens que recer, porque Deus é o Pae dos orphãos, Elle é o Rei dos reis. Elle é o Omnipotente; emquanto eu sou um homem fraco e ignorante. Ha muitos dias que penso n'isto seriamente, e estou resolvido, aconteça o que acontecer, de me não apoquentar por tua causa, Magdalena, porque Deus proverá de alguma maneira.

Emquanto o velho fallava, limpava as lagrimas que corriam pelas faces da creança. «O Senhor proverá» era o texto favorito de João. Quantas vezes Magdalena tinha ouvido o avô repetil o, e sempre a consolava. A voz do seu avô sempre lhe inspirava confiança.

—Agora, pequenina, deixa-me dormir, sinto-me tão fatigado hoje, que preciso descançar antes de proseguir na jornada.

Estendeu-se sobre a relva, descançando a cabeça n'uma trouxa de roupa que Magdalena trazia, e cobriu a cara com o seu chapéu de abas largas.

Vendo seu avô tão soçegado, ella continuou lendo até ao fim do capitulo, ficando pensativa, e olhando vagamente. Ao seu lado estava Sirrah, apanhando as moscas que se approximavam. Eram só os sons da natureza que rompiam o silencio que os rodeava.

De repente o velho mexeu-se. Magdalena ouviu um som rouco, pensou que elle a chamava. Ella levantou-se logo, e vendo que as mãos lhe tremiam convulsamente, tirou-lhe o chapéu da cara. Tinha os olhos abertos, uma expressão de angustia entristecia-lhe o rosto sempre sereno, a bôcca estava um pouco ao lado, pelos esforços que fazia para poder fallar.

—Avô, está doente? disse Magdalena. O que tem, diga-me!

Mas desgraçadamente elle não lhe respondeu. Sirrah partilhava da afflicção da pequenina, e lambia as mãos de seu dono, conservando um olhar interrogativo.

—O que hei de fazer? O que hei de fazer? repetia Ma-

gdalena com a maior anciedade. A quem hei de pedir socorro? De quem o poderei obter?

Ella não sabia o que havia de fazer. N'aquelle momento um som distante se ouviu, e muito ao longe ella viu alguns grandes vehiculos que avançavam vagarosamente, puxados por magros e velhos cavallos. Magdalena levantou-se para se affirmar melhor. Viriam elles soccorrel-a? Seu coração batia apressadamente quando viu os vehiculos approximarem-se. Eram de apparencia extraordinaria, como os que usam os viajantes, commerciantes ou saltimbancos; eram tres; os dois primeiros serviam de habitações, porque tinham janelas com cortinas azues e vermelhas, e differentes utensilios, tambem tinham uma especie de tecto sahido, e sustentado por duas columnas de madeira, entre as quaes havia um ripado, ao qual algumas creanças estavam encostadas. Vinha ao lado da primeira caravana um homem alto e forte, de jaqueta e calças, d'uma côr que se não podia descrever, tinha um cinto largo, que no seu tempo fôra encarnado e dourado. na mão, um chicote, ia assobiando descuidado, e de vez em quando, por movimentos ou pela voz, excitava os pobres cavallos velhos e cheios de pulmoeira. Na segunda caravana vinham duas mulheres assentadas: uma nova e bonita, a outra já de avançada idade, com feições ordinarias. A segunda estava concertando roupa velha, e ao mesmo tempo vigiando uma perfeita creança que brincava a seus pés. A primeira estava de braços cruzados, olhando para os differentes pontos de vista. Alguns pequenos passeavam pelos carros, todos usando vestuarios pouco conhecidos.

Magdalena contemplou a todos em silencio, considerando se devia atrever se a chamal-os, mas Sirrah começou a ladrar logo.

O cocheiro levantou a cabeça, e viu a creança á beira da estrada. Parou e disse: «Olá! o que fazes ahi só-sinha?

Elle fallou em francez, mas com pronuncia estrangeira.

—Oh senhor! se faz favor! O avô está doente, não sei o que elle tem!

E Magdalena começou a chorar.

— Vamos a vêr : onde está esse avô ? . . . disse o homem, atirando com o chicote a uma das creanças, e preparando-se para a seguir.

As tres caravanas pararam.

— Ali está, senhor, disse Magdalena apontando para João, que estava deitado debaixo dos castanheiros, e ambos foram ter com elle.

— O que aconteceu ao velho ? disse o desconhecido, abaixando-se para o examinar.

— Ai de mim ! não sei ! disse Magdalena, limpando as lagrimas que lhe corriam sem cessar.

Mulheres e creanças todas se apearam. Sirrah deixou de ladrar, parecia que conhecia que vinham ajudar seu dono, estava porém em defeza, mostrando aos rapazes duas ordens de dentes brancos e agudos.

João não estava insensível, mas sem movimento nem força, incapaz de se mover nem fallar ; o desconhecido disse que elle estava debaixo da influencia d'um ataque.

— Elle está doente, disse o cocheiro depois de conversar um bocado. Para onde vae d'esta maneira ?

— Para a Suissa.

— Isso ainda fica muito longe d'aqui : e o velho não pôde continuar a jornada.

— O que havemos de fazer ? disse Magdalena, torcendo as mãos.

O desconhecido reflectiu um momento, e a mulher de idade fallou com elle n'uma linguagem desconhecida.

— Escuta-me, pequena, disse o desconhecido. Tens algum dinheiro ?

— Tenho isto, disse ella, tirando da algibeira duas ou tres moedas de dez réis, que tinham ganho na ultima villa por onde passaram.

O homem pegou n'ellas e sacudiu as na mão.

— E' muito pouco, disse elle fazendo uma desdenhosa careta, comtudo estou disposto a fazer o que podér para os ajudar, isto é, levo o teu avô n'uma das caravanas para um logar proximo, onde o deixes em boas mãos.

— Obrigado, senhor, disse Magdalena elevando seus olhos chorosos, mas cheios de expressões de gratidão.

Elle fez signal a dois rapazes magros e flexiveis, que vieram levantar o doente, e com difficuldade o levaram para a primeira caravana, onde as mulheres tinham arranjado uma das camas dos homens da companhia. Ali o deitaram. Magdalena assentou-se ao pé d'elle com Sirrah. Então as tres caravanas continuaram a sua vagarosa e sacudida jornada.

CAPITULO VI

Os saltimbancos

Emquanto Magdalena só pensava em seu avô, e Sirrah vigiava os dois, seguia-se a seguinte conversa entre o chefe d'aquella familia errante, e a mulher de idade, de quem já fallámos.

— Que bonita pequena, disse elle.

— E' da mesma idade que a nossa pobre Zenobia. O seu fato lhe servirá, ella está mesmo talhada para a dança.

— E o cão tambem! que liudo animal! Elles nos serão de grande utilidade. O que diz, mãe?

— Eu penso que os devemos conservar.

— Oh! devéras! mas como? Imagina que elles ficarão comnosco para sempre? e o velho?

— O que quer dizer isso? Nós encontraremos algum meio.

Os dois começaram a fallar cada vez mais baixo, continuando a andar ao lado do velho cavallo.

O crepusculo já estendia a sua sombra no declive das montanhas, quando as tres caravanas entraram n'uma grande cidade de Saboia. Pararam n'um grande largo, e pouco tempo depois estavam rodeados de numerosos va-dios.

O chefe vestiu-se e foi procurar a auctoridade do sitio para lhe pedir licença para trabalhar, depois foi ter com o parochio para lhe recommendar o doente, e pediu-lhe que o admittisse no hospital, caso houvesse. «Sim, ha um hospital, pequeno, é verdade, mas onde são muito bem tratados» disse o parochio, que era um homem respeitavel, e

sempre prompto para servir os seus visinhos. Depois de o ouvir, poz o seu chapéu de tres bicos, levantou a sua cumprida vestea, e preparou-se para acompanhar o saltimbanco.

— O meu amigo disse que este homem adoeceu repentinamente?

— Sim, reverendissimo.

— Elle é seu parente?

O astuto velhaco teve o desaforo de dizer; «Sim, senhor, é meu pae. Muito receio que o pobre velho pouco tempo viva, e não o podemos deixar morrer ao desamparo.»

— Bem, se houver logar, vou vêr se o posso admittir, e fazer com que o tratem bem até ao fim da sua doença. Pode abonar-lhe algum dinheiro?

O homem fez uma careta, que logo encobriu com um sorriso forçado,

— Nós somos pobres, veneravel senhor, disse elle; com-tudo talvez — se fôr necessario.

— Bem, bem disse o parcho; veremos depois, fará o que podér se a doença se prolongar. Demora-se na nossa cidade?

— Pae reverendissimo, não podemos, a nossa vida faz com que viajemos sem descanso. Depois de trabalharmos nas visinhanças, voltaremos a buscar o velho, se...

E o homem fez um aceno significativo.

N'aquelle momento chegaram ao acampamento.

Desde que o tinham deitado na miseravel cama, João não se tinha movido. Só uma vez, quando Magdalena chamou por elle meigamente, abriu os olhos, olhou para ella, e com difficuldade disse: «Minha pequenina» e nada mais.

Quando o parcho se approximou, o velho olhou outra vez, fez a diligencia de fallar, mas ninguem o pôde comprehender.

O parcho tomou-lhe o pulso, intentou comprehender o sentido de suas palavras, mas nada conseguiu, e disse, sacudindo a cabeça: «Não ha duvida que o pobre velho está muito mal. Eu mando dois moços para o levarem ao hospital, porque elle necessita immediato tratamento. Adeus, meus amigos.»

O parochó retirou-se sem ver Magdalena, que estava toda assustada aos pés da cama, e nada disse.

Meia hora depois deitavam João n'uma maca, cuidadosamente embrulhado, e dois moços do hospital o levaram pela melhor rua d'aquella humilde cidade. Magdalena e Sirrah o seguiram, tristes e angustiosos. Quando chegaram á porta do hospital, Magdalena pediu para entrar. porém não consentiram, dizendo lhe que só admittiam doentes.

Ella ficou cheia de consternação, olhando attentamente para aquella inexoravel casa, e percebeu que o chefe estava ao pé d'ella. «Vamos, pequenina, o que vae fazer?»

— Não sei, disse ella tristemente.

Sirrah rosnava baixo.

— Volta comigo para as caravanas, de boa vontade te recebemos : verás que as representações serão mais divertidas do que ficar só n'esta triste rua.

As suas palavras expressavam tanta bondade, apesar de sua voz grossa, que Magdalena olhou para elle com mais attenção que nunca; o seu vestuario pittoresco, a côr trigueira, as negras e grossas sobranceiras, davam-lhe uma apparencia quasi barbara. A creança hesitou um momento, mas não sabendo para onde havia de ir, disse-lhe em voz baixa: «Obrigado, senhor, eu acceito.» Uma expressão de satisfação se viu repentinamente no rosto carregado d'aquelle homem.

— Tens razão, disse elle ; apressemo-nos, porque a ceia está prompta ha muito tempo, e a mãe não gosta de esperar.

Elle deu a mão a Magdalena, que a tomou com uma confiança propria da sua idade, e ambos, apressando o passo, em poucos minutos estavam no acampamento. Era um extenso largo, cercado por duas ordens de platanos. Os soldados costumavam fazer ali exercicio. Os rapazes ali costumavam deitar os seus papagaios, e as barracas ali se armavam durante o tempo da feira. Ainda estava crescendo uma curta relva em alguns sitios. Elles tinham atado os tres cavallos a um dos platanos, tinham collocado as caravanas formando um triangulo, que occultava algum tanto esta familia

errante da curiosidade do publico. Estavam todos em volta de uma grande panella a qual, suspensa em dois paus que elles tinham enterrado no chão, fervia por cima d'um lume que dois rapazes de oito a doze annos conservavam acceso. A velha andava cá e lá, dando ordens a um, puxando as orelhas a outro, e ás suas apressadas ordens não admittia respostas; a expressão de seu rosto inspirava desconfiança e receio.

Pelo menos foi esta sensação a que experimentou Magdalena quando, ainda triste e magoada, se reuniu a esta extraordinaria companhia. Quando o chefe chegou, tudo ficou silencioso olhando para elle.

— Mãe, disse elle; torno a trazer uma pequena que tem fome e sede — pode satisfazer-a?

— Supponho que sim, — disse a mulher, que se chamava Judith, lançando um olhar frio e inusavel á creança.

— A sôpa está prompta, estavamos á tua espera, não se demorem.

— Segure, disse ella a Magdalena, dando-lhe um prato de estanho; será servida quando chegar a sua vez.

Estavam todos em differentes attitudes de roda da panella da qual Judith tirava a sôpa com uma concha, e sem descanso servia a todos.

Perto de Magdalena estava um rapaz de seus dez a doze annos, magro, pallido, e com apparencia delicada: elle percebeu que a desconhecida não pedia o seu quinhão.

— Dê-me cá o prato, disse elle grosseiramente, tirando-lhe o prato da mão; se não vae depressa fica sem quinhão. — E foi buscar a sôpa a Magdalena, que lhe agradeceu com um sorriso de gratidão.

— E tu? lhe disse ella, depois de tomar algumas colheres; não comes nada?

— Eu? não, esta noite não me dão nada.

— Porque? disse ella admirada.

— Cale-se, disse elle voltando a cabeça; a velha pode ouvir-a.

— Tome algumas colheres da minha sôpa, disse Magdalena com bondade; deve ter fome.

O rapaz hesitou, e talvez que tivesse accetado, se não

visse o chefe olhando para elle com um modo significativo.

— Pedro, disse elle asperamente, vae tratar dos cavallos; já não é cedo.

Pedro, sem dizer uma palavra, foi-se de cabeça baixa. Magdalena vigiava o. Elle entrou na terceira caravana, d'onde tornou a sair com dois baldes nas mãos, que foi encher á fonte mais proxima, e voltou muito cansado. Magdalena imaginava que elle ia levar agua aos cavallos que estavam atados aos platanos, mas não, voltou á mesma caravana, e não tornou a sair. A pequenina admirava-se de tudo que via, mas não se atrevia a fazer perguntas. Tendo-se acabado a ceia, o chefe chamou dois robustos rapazes, e deu lhes suas ordens, n'uma linguagem que ella não conhecia.

Todos tres se encaminharam para um dos angulos do largo, carregados de cordas, estacas e tapetes, e começaram a edificar um circo temporario.

Em breve acabaram. Durante esse tempo as mulheres tinham ido para a sua caravana, e Magdalena ouviu o som de vozes e grandes rizadas.

Ella tinha ficado só com umas creanças com fatos rotos, rebollando pelo chão, brincando e divertindo se sem fazerem caso d'ella. A pequenina achava se muito só e abandonada, e estava pensando em seu avô, quando o chefe veio ter com ella.

— Em que pensas? disse elle, batendo-lhe no hombro. Estás consumindo-te, ai! isso pouco tempo durará. Vamos divertir muito, nós somos muito alegres.

— O que vae fazer? disse Magdalena, não se atrevendo a chorar, apesar de ter bastante vontade.

— Verás em pouco tempo, serás a primeira a rir, mas onde está o cão? disse elle alegremente.

— Sirrah? disse Magdalena. Eu não o vi depois de virmos para aqui,— e procurava com a vista o seu fiel companheiro.— Elle decerto que ficou no hospital, coitado, é tão amigo do avô! Nada terá comido, coitadinho!

— Nós o encontraremos amanhã, disse o chefe, e tu lhe darás um bom almoço.

N'aquelle momento a porta da caravana abriu-se, e appareceu a rapariga de quem já fallámos. Estava com um traje brilhante, que causou admiração a Magdalena, e lhe fez lembrar umas representações theatraes que tinha visto em Florença, onde seu pae, que gostava muito do theatro, como todos os italianos, a levára.

CAPITULO VII

Uma representação no circo

Francisca, pois assim se chamava a rapariga que Magdalena tinha visto sair da caravana, vestia uma saia de riscas encarnadas, um corpete de veludo preto, justo na cintura, sobre a cabeça tinha um lenço encarnado artisticamente arranjado, cahido para traz, sequins (moedas de Veneza) de ouro, cercavam-lhe o pescoço e braços, e brilhavam-lhe sobre a testa; seus movimentos desembaraçados e graciosos eram acompanhados d'um leve tinir, que fazia realçar sua rara belleza.

N'este traje ella epproximou-se do chefe.

— Muito bem, Francisca, disse elle, olhando para ella com admiração, — vamos, estava á tua espera.

— Esqueceu-se do tambor grande, lhe disse ella.

No entretanto já elle tinha corrido á caravana, e voltava com o instrumento.

Dois rapazinhos, no bem conhecido vestuario de palhaços, o seguiam,

A companhia seguiu para a cidade pelas principaes ruas, fazendo muito barulho com os tambores e castanholas, e convidavam o respeitavel publico, para vêr as grandes proezas do maestro Gaspar, a incomparavel dança da menina Francisca, e as habilidades de dois cavallinhos sabios.

Muito povo se juntou, e quando chegaram ao circo, uma grande comitiva de homens, mulheres e creanças os acompanhavam, acolovelando-se uns aos outros para verem.

Durante a sua ausencia Judith tinha se vestido brilhantemente. Pedro e outro rapaz tinham accendido duas

ordens de lanternas em volta do circo e collocado um orgão nas suas proximidades.

Magdalena, cuja curiosidade de creança estava excitada, observava esta scena com todo o interesse. Depois de tudo prompto, e vendo Pedro voltar para a caravana, chamou-o e perguntou-lhe o que ia fazer.

— Tratar dos cavallos, disse elle simplesmente.

— Elles não estão ali? disse Magdalena apontando em seguida para os pobres cavallos que estavam debaixo dos platanos.

— Aquelles? disse Pedro n'um tom desdenhoso, ah! ah! aquelles não fazem habilidades, verá os meus. Nada pode haver mais bonito e elegante que elles.

— Tem cavallos na caravana? exclamou Magdalena, que achava esquisito os cavallos andarem de trem, — porque os não deixa andar?

— Porque o chefe não quer que sejam vistos. Só os montam á noite, durante os espectaculos; não tenho tempo para conversar, é preciso andar ligeiro.

A pequenina ficou só — muito gostava de saber quem era esta gente, e o que pensaria o avô d'elles, dizia ella consigo. Pobre avô, só, no hospital!

O coração da creança estava cheio de tristeza quando Judith a chamou.

— Venha, pequenina, disse ella, está tudo reunido, toque o orgão emquanto eu vou adivinhar o futuro d'aquelles que o quizerem saber.

Magdalena obedeceu, e emquanto tocava aria atraz d'aria, a festa começou. Primeiro houve trabalhos gymnasticos pelo chefe e os rapazes. Depois appareceu Francisca sobre altas andas, executando com grande facilidade danças velozes, que maravilharam o publico.

Emquanto Magdalena olhava cheia de admiração, viu Pedro entrar vestido de Jockey, conduzindo dois lindos cavallinhos, um branco e outro preto, cumprimentando a todos, andando e empinando-se ao compasso da musica, e obedecendo ao mais pequeno signal de voz ou movimento do chefe.

No maior auge do enthusiasmo dos espectadores, Fran-

cisca e Judith se apresentaram no meio do povo, dirigindo-lhes palavras agradáveis e engraçados sorrisos.

Em seguida, o chefe com sua voz sonora, annunciou ao respeitavel publico que, em consequencia da hora adeantada, concluia a festa, a qual começava no dia seguinte á mesma hora, e promettia coisas maravilhosas.

A multidão gradualmente desapareceu, e os saltimbancos se recolheram.

—O que pensa de tudo isto? disse maestro Gaspar a Magdalena. Não está satisfeita?

—Oh! sim, disse a creança, um tanto exaltada.

—Não gostava de montar um d'aquelles bonitos cavallinhos?

—Eu? Deixa-me montar os? exclamou ella animando-se.

—Porque não? disse elle. Experimentaremos amanhã, se quizer. Entretanto, vá deitar-se, e durma bem, como uma boa menina.

Francisca, obedecendo ás ordens de Judith, deu parte da sua cama de palha a Magdalena; ella estava de mau humor, porém a pequena não fez caso; pensou por muito tempo no que tinha visto, e de tudo que tinha para contar a seu avô, quando o visse outra vez, pois não duvidava de que elle melhorasse.

Afinal adormeceu, e não acordou enquanto Francisca não a chamou muitas vezes; e sacudindo-a dizia:

—Levanta-te, julgo que não és tão fidalga que te não possas levantar cedo.

Magdalena tremeu; não sabia onde estava, mas ao som da voz de Francisca logo se lembrou saltar fóra da cama, vestir-se, e sair da caravana.

Eram seis horas. O sol allumiava a natureza com seus primeiros raios, tudo estava fresco e sereno; estava um céu claro, marcando os contornos dos variados cumes das montanhas de Saboia.

Judith tinha accendido o lume, de roda do qual estavam as mulheres e creanças, enquanto os homens se occupavam com os cavallos e caravanas.

O chefe saudou Magdalena, e Judith lhe deu um bom prato de sôpa, e um pedaço de pão.

A creança procurou Pedro; elle estava almoçando, o que deu grande satisfação a Magdalena, porque muito se interessava por elle, e o cumprimentou com affabilidade. Depois de concluir a refeição, Magdalena, sem dizer nada a ninguém, deixou o acampamento e dirigiu-se ao hospital sósinha; não se tinha esquecido do caminho, porque tanto as alegrias, como as tristezas, ficam impressas na memoria.

Ninguém a impediu, nem deram por sua ausencia.

Quando chegou á porta do hospital, encontrou Sirrah, que saltou de alegria, lambeu-lhe as mãos, e parecia que lhe queria tomar satisfação por o ter deixado tanto tempo só; elle subiu os dois degraus de pedra, e mostrou-se impaciente, enquanto a pequena diligenciava tocar a grande campainha. Depois de alguns minutos ouviram-se passos, e o postigo abriu-se um pouco.

—O que quer? disse uma voz aspera.

—Eu desejo ver o meu avô, disse Magdalena timidamente.

—Os visitantes não são admittidos sem licença do parcho e demais, agora não são as horas competentes. Leve esse cão, menina, que esta noite incommodou todos n'esta casa com os seus latidos.

—Oh! diga-me só como está o avô, implorou Magdalena de mãos postas, e com os olhos cheios de lagrimas.

—E' o velho que veiu hontem á noite? perguntou o guarda-portão, em voz mais branda.

—Sim.

—Ouvi dizer que está na mesma, mas não tenho tempo para conversar; venha outra vez e traga a licença do parcho.

Fechou-se o postigo. Magdalena ficou por alguns minutos no liminar da porta d'aquella inhospitavel casa, mas de repente, conhecendo a sua solidão, e desejando tanto ver o avô, e ouvir-lhe as palavras benignas com que sempre lhe abrandava as magoas, cahiu sobre as lages, n'um paroxismo de afflicção que se não pode descrever.

CAPITULO VIII

Só no mundo

Magdalena tinha uma natureza toda meridional, ardente, vigorosa, susceptível, teimosa; não era de meios termos; seu amor não era parcial, apesar de que, desde tenra idade, qualquer coisa a divertia, possuía o que geralmente só é adquirido pela idade, um grande sentimento por qualquer magoa.

O tempo que ella esteve deitada no chão chorando ninguém sabe; mas já exausta de forças, assentou se, procurou o lenço, mas não o encontrou na algibeira; tinha-o perdido, como acontece muitas vezes ás creanças, porém encontrou um volume, que logo viu que era o livro de seu avô.

Tirou-o do seu esconderijo.

—E' verdade, disse ella. Ainda não li hoje; o avô teria muita pena se soubesse, e eu desejo ser boa! Se Deus me vê, porque me deixa elle chorar?

Ella abriu o livro, e viu as seguintes palavras de Jesus: «Não vos hei de deixar orphãos; eu hei de vir a vós.»

Magdalena leu e releu aquellas palavras, mas primeiramente não podia comprehendel-as, porém, a pouco e pouco, se tornaram mais claras, e afinal disse: «Eu não estou só, tenho um Pae no céu,» e animou-se, parecia-lhe que seu veneravel avô lhe tinha fallado.

As horas passavam, ella tinha que voltar ao acampamento, talvez que o chefe a encaminhasse para ir ver seu avô. Levantou-se, chamou Sirrah, e como elle não estivesse resolvido a seguil a, agarrou-o pela colleira, e disse-lhe:

—Vem, Sirrah, o avô quer que venhas.

O intelligente animal comprehendeu-a, e deixou a guial-o, porém de vez em quando voltava a cabeça com um olhar triste.

—D'onde vens? perguntou o chefe, quando viu Magdalena. Ella disse-lhe o que tinha acontecido, e o que o guarda-portão lhe tinha dito.

—Isso não pode ser, disse elle; nós a prenderemos

aqui, para que ella não torne a ir perguntar á gente do hospital; não tornes a ir perguntar pelo velho. Elles não gostam de deixar entrar creanças n'aquellas casas. Eu irei, e te prometto dar noticias. Queres ir dar um passeio a cavallo ?

— N'um dos cavallinhos ? disse Magdalena.

— Sim, respondeu elle.

Quem poderia ter resistido a uma tal proposta ? Ella ficou delirante ! Decerto que a não terieis conhecido se a tivesses visto pouco depois montada no cavallo preto, cuja cauda arrastava no chão. Não parecia a mesma isolada e triste creança que havia tão pouco tempo tinhamos visto á porta do hospital, pois tinha agora as faces rosadas, e os olhos brilhantes.

O cavallo era guiado por maestro Gaspar, que a ensinava a montar, e a guial-o com cuidado e attenção.

Quando ella passou perto de Francisca, esta voltou-lhe a cara, e encolheu os hombros, com um ar enfadado e inquieto.

Judith sorriu com malicia. «Vae bem,» disse ella para si; mas na verdade a creança estava contentissima, e vendo que já montava com firmeza, mais gostava do exercicio.

— Gostavas de montar todos os dias ? perguntou-lhe o chefe, quando a conduzia para a caravana.

— Oh ! sim ! é muito agradável, e o cavallinho é tão bonito, disse Magdalena, correndo-lhe os dedos pelas crinas, enquanto Pedro o segurava pelas redeas.

— Muito bem, continuaremos. disse maestro Gaspar.

Magdalena agradeceu-lhe, e olhando para Pedro, viu que elle a fixava com um olhar de tristeza e desprezo, e retirou-se tão apressadamente, levando o animal para a cocheira, que nada lhe poude perguntar.

Durante o dia o chefe esteve na cidade, e voltou tarde. Magdalena esperava-o com impaciencia, porque lhe tinha promettido ir saber do avô, porém, quando elle voltou, parecia que queria fugir da creança, a qual não se atrevia a ir ao seu encontro. Elle chamou Judith, e estiveram em conferencia por muito tempo.

Afinal vieram ambos com um semblante triste ter com a pequenina.

— Oh! senhor! exclamou ella. Como está o avô, e quando posso ir vel o?

O chefe, tomando animo, disse: «Nunca mais o tornarás a ver»

Magdalena olhou para elle sem o comprehender. Judith então disse:

— Não te apoquentes, pequenina. O pobre homem já era muito velho, de maneira alguma podia viver muito tempo.

Magdalena deu um grito que cortava o coração. «Morreu o avô! morreu o avô! o que será de mim?»

Torcendo as mãos, n'um ataque de agonia parecido com o que ella tinha tido de manhã, cahiu no chão, e esteve insensível a tudo que Judith e o chefe lhe diziam para a consolar. Até que afinal elles a deixaram, e foram concluir os seus preparativos para a exposição da noite.

Muito tempo esteve a orphã entregue á sua dor; ninguém se approximou d'ella, não tinha um amigo, nem um só! Oh! sim, havia um, que cheio d'amor partilhava a sua dôr, e lhe segredava: — Não temas, crê sómente. Não vos hei de deixar orphãos; eu hei de vir a vós.

A violencia da sua dôr abrandou, e Magdalena cahiu n'um estado de adormecimento do qual mais tarde o chefe veio despertal-a.

— Vem, creança, já choraste bastante, vem connosco. Tu no fim não inspiras muito dó; e encontrarás muita alegria entre nós.

Estas palavras magoaram bastante os sentimentos de Magdalena. «Estou só no mundo agora,» disse ella brandamente.

— Não te apoquentes por isso, disse elle com brandura. Se fôres amavel e esperta, ficarás na companhia; onde aprenderás bonitas coisas. Montarás a cavallo, terás lindos vestidos, serás tão feliz como uma rainha. Ficas connosco?

O que havia ella de fazer? Onde poderia ir? O que seria d'ella? Magdalena nada sabia. Aceitando a proposta que lhe faziam, teria sustento, casa e protecção. Nenhuma porta se lhe abriu, mas apezar das brilhantes côres que

esta proposta lhe apresentava, ainda lhe restava uma duvida, a qual era, se o avô gostaria d'esta gente. Ella não gostava muito d'elles, mas não tinha por onde escolher, e hesitando um tanto, respondeu: «Obrigada, senhor, ficarei, se lhe não é inconveniente!»

— Bem, bem, respondeu maestro Gaspar, se estás disposta a trabalhar, não te tornas pezada. Começarás os teus exercicios ámanhã, no primeiro lugar em que pararmos.

— Retira-se d'este sitio? perguntou a creança com o coração magoado e oprimido.

— Sim, pela manhã cedo.

— Então não torno a ver o avô! disse ella, apertando as mãos.

— O que pensas, pequenina? isso é impossivel; já o levaram do hospital, e não consentem que ninguem lá vá.

— Oh! se elle tivesse ficado aqui, talvez que me tivesse tornado a fallar! suspirou Magdalena.

— Elle lá tinha melhor tratamento, por isso o mandemos para o hospital, disse elle. Não penses mais nos mortos, diverte te com os vivos, e nada te faltará.

Dizendo estas palavras, elle fez com que ella sahisse da caravana, e introduziu a no grupo que estava perto do lume, dizendo que ella tambem fazia parte da companhia do maestro Gaspar.

Foi d'esta maneira que Magdalena se reuniu aos saltimbancos. O que acontecerá entre esta infiel e desordenada gente? Esquecer-se ha ella do Deus de seu avô? Poderá ella pôr em pratica as instrucções que d'elle recebeu?

CAPITULO IX

Pedro

Era meio dia no mez de julho, o ardente sol brilhava sobre o fertil terreno coberto de searas. Viam-se campos de trigo por todos os lados, os trabalhadores descansavam, e tomavam as refeições á sombra das arvores, os passaros conservavam-se silenciosos durante a hora do calor. O ar abafava, a estrada estava coberta de pó. Os

viajantes não se mettiam a caminho áquella hora do dia, porém, perto da floresta, descansavam tres caravanas. Os cavallo desapparelhados, desfallecidos, e cansados, comiam a herva secca. Se não nos enganamos. estas caravanas, com suas estreitas janellas, baixas chaminés, e gente de estranho aspecto, já nos são muito conhecidas. Não ha duvida, porque Judith está assentada nos degraus d'uma d'ellas, concertando aquellas inevitaveis redes que os saltimbancos usam. Perto d'ella, encostada a uma arvore, estava a formosa Francisca, escutando, com um ar desdenhoso e distraído, as galanteadoras palavras do chefe, que não tirava os olhos d'ella. Nos sitios mais frescos se viam grupos de moços e velhos de ambos os sexos. Mas onde estava Magdalena? tinha desapparecido? Se não tens receio de te perderes, segue-me caro leitor, por este estreito atalho que vae ter á floresta, e não perderemos o tempo.

Ouves aquelle suave murmurio! E' um pequeno regato correndo entre as ribanceiras musgosas sobre as pedras. O salgueiro pende suas compridas e flexiveis hastes sobre o claro regato; olha! perto do tronco d'aquella arvore está um rapaz deitado, com a cabeça encostada á mão, ao lado está uma pequena que se descalçou e está banhando os pés no regato. d'onde tinha tirado algumas pedras, que deitava a um cão que, animado, as ia buscar. Eram a nossa pequenina Magdalena, Pedro, e Sirrah, todos tres muito amigos e sempre juntos.

— Ainda não brincaste bastante? disse Pedro, sem mudar de posição.

Magdalena voltou-se para elle rindo «O' seu invejoso, não gosta que eu brinque com o cão, porque não lhe dou toda a attenção, não é isso?»

— Ha mais d'uma hora que ahí estás, e não é muito agradável ver-me privado de conversar contigo por tanto tempo.

— E' verdade, meu pobre Pedro, eu aqui estou prompta para ouvir o que tens que me dizer.

Magdalena calçou-se, e foi assentar-se sobre a relva ao lado de Pedro. Porém elle não fallava, apanhava raminho

após raminho, d'um ramo de flores brancas, olhando para o chão distrahidamente.

— Em que pensas? disse Magdalena, um pouco impaciente. Fizeste com que eu deixasse de brincar, e não fazes caso de mim; é ser um pouco egoista.

— Magdalena, disse elle repentinamente, desejava tudo concluido.

— Porquê? o que queres dizer? disse a pequena, admirada.

— Sim, desejava safar me; estava quasi resolvido a fugir quando tu vieste, já tinha soffrido demasiado, e não sei porque fiquei. Agora já é tarde, — disse elle, fallando baixo.

— Porque pensavas em fugir, julgavas-te infeliz? perguntou Magdalena.

— Eu nunca gostei d'esta occupação, — respondeu o rapaz, com um ar desanimado, e agora não posso continuar, batem-me todos os dias,

— Como é horrivel! disse Magdalena com indignação. Batem-te! Quem te bate?

— O chefe, já se sabe, disse elle, abaixando a voz e olhando timidamente. Tu ainda o não conheces; és tratada com consideração porque és bonita e esperta, e lhe ajudas a ganhar bastante dinheiro; mas se fosses fraca, desengraçada, e ignorante como eu, praguejava-te e batia-te até te sentires desgostosa de viver.

— E' muita malvadez, disse Magdalena. Tu és obediente, tratas dos cavalloos perfeitamente; que mais quer elle?

— Oh! eis o motivo: d'antes eu representava os maiores feitos de dextreza, eu dançava na corda; então elle estava satisfeito, mas agora, que já não posso fazer nada d'isso, porque a mais pequena coisa me cança, sou desprezado e maltratado, e me consideram inutil.

— Pedro! Pedro! — disse Magdalena, n'um tom de compaixão e sympathia, muito desejava ajudar-te. Se é verdade o que dizes, são todos muito crueis e interesseiros, o que eu ainda não tinha notado.

— Não tens reparado, porque estás sempre entretida com as representações, e demais, o chefe poucas vezes me bate diante dos outros; é quando estamos sós, que trata de en-

contrar qualquer motivo no meu trabalho com os cavallos ou caravanas.

Pedro então suspirou, empallideceu, collocou a mão sobre o coração, e cahiu para traz.

—O que tens, Pedro? disse Magdalena muito assustada.

—Eu soffro muito! balbuciou o rapaz, arquejando e deligenciando tomar a respiração.

Magdalena correu ao regato, molhou o lenço, e collocou-lh'o sobre a testa; a fresquidão pareceu allivial-o, ou talvez que o espasmo tivesse passado; fôsse o que fôsse, elle deu um prolongado suspiro, a côr voltou-lhe ao rosto, assentou-se encostado ao salgueiro, mas ainda com uma forte palpitação.

—O' Pedro, como me assustaste! disse Magdalena, juntando as mãos; estás melhor?

—Sim, por esta vez passou.

—Isso repete te muitas vezes?

—Depende; passam-se muitos dias que não sinto difficuldade em respirar, mas durante a noite não me posso deitar, para dormir fico assentado: o que te digo é que é bem doloroso.

—N'esse caso tu estás doente! já disseste ao chefe?

—E' isto que o desespera, e que o torna contra mim; elle diz que já não sirvo para nada, e que não posso melhorar. Se eu soubesse para onde vamos depois de morrer gostaria de morrer já, sim, gostava de morrer.

—Oh! Pedro! não digas isso, exclamou Magdalena chorando. Tambem tu me queres deixar, como fizeram a mãe e o avô?

—Podias passar muito bem sem mim, respondeu Pedro com tristeza, collocando a sua magra mão sobre a d'ella, que estava assentada ao seu lado. Em todo o caso de que te sirvo eu, em que te ajudo?

—O que fazes? disse Magdalena — elevando seus olhos negros cheios de lagrimas. Tu estimas me, sim, tu és o unico aqui que me tem affeição. Pensas que não sei que se o chefe me estima é por interesse e não amizade, e que a Francisca me destesta! ella atormenta-me continuamente, faz escarneo de mim, e me redicularisa sempre que pode; emquanto a Judith e aos outros, não me tratam mal, sou-

lhes completamente indifferente. Tu, Sirrah, e o cavallo preto é que me estimam, tu sobre todes, porque te posso contar tudo e me podes responder.

—Provavelmente ainda estaremos juntos por muito tempo; portanto não chores mais, Magdalena, eu não te devia ter fallado assim, mas já não podia. Estou ás vezes tão triste, tudo que me rodeia se cobre com uma nuvem negra, e parece que vou cair no abysmo.

— Oh ! disse Magdalena pensando, se eu te pudesse consolar. Mas ah ! tive agora um pensamento, — disse ella com vivacidade. — Tenho um livro que era de meu avò; elle estimava o muito, assim como minha mãe. Quando ella estava doente, dizia sempre que aquelle livro era a sua consolação. Talvez que te faça o mesmo effeito; vou buscal-o.

Quando Magdalena corria para o acampamento, disse Pedro corando «Mas, Magdalena, eu não sei lêr.»

— Isso pouco importa; eu sei, — disse ella sem parar, e pouco depois voltou trazendo na mão um livro velho, preto, o qual tinha desprezado desde que se reuniu aos saltimbancos.

— Aqui está, disse ella, eu tinha o escondido porque se Francisca o tivesse visto, decerto que o tinha tirado para me apoquentar.

— Que livro é ? de que consta? disse Pedro, com alguma desconfiança e curiosidade.

— Este livro, chama-se o Novo Testamento. Não sei o que quer dizer, mas é muito interessante, conta-nos a vida de Jesus.

— Quem é Jesus ?

— Oh ! Pedro ! não sabes quem é Jesus ?

— Não é minha culpa se eu sou ignorante, respondeu o rapaz, confuso e zangado. Tu tiveste teu avò que te ensinou muitas coisas, mas ninguem tem feito caso algum de mim.

— Isso é verdade, disse Magdalena, olhando para o seu companheiro com affeição e compaixão. Ainda assim eu sou muito ignorante; a mãe e o avò não tiveram tempo de me instruir muito, mas eu te explico tudo que sei. Tens ouvido fallar em Deus, não tens ?

— Parece-me que sim, respondeu Pedro, depois d'um momento de reflexão. Elle está no céu, e fez o mundo.

— Sim, disse Magdalena. Elle creou todas as coisas, a terra, as arvores, os animaes, e nós todos; portanto devemos amal o.

— Para que lhe serve o nosso amor, estando elle tão longe?

— Oh! Pedro, disse Magdalena. Elle não está nada longe de nós, pelo contrario. Elle está bem perto. Elle vê-nos, ouve-nos, e debaixo de sua protecção é que nós estamos.

— Se elle nos protege, porque me não cura? Porque não evita elle que o chefe me bata?

Magdalena ficou silenciosa por um momento; não sabia que responder. Infelizmente ha tantos — porques — no mundo, com que pessoas de mais sabedoria que Magdalena ficam confundidas!

— Eu não sei bem, porque, — disse Magdalena afinal; porém estou certa de que elle nos ama, porque o avô me disse, e está escripto ali, — disse ella, pondo a mão sobre o livro que tinha aberto sobre os joelhos. — Deus mandou seu Filho ao mundo por nossa causa, e deu o seu Filho Unigenito para morrer por nós, e era o mesmo Jesus de quem te falei ainda agora.

— Elle? o Filho de Deus? E dizes que o mataram; elle era mau?

— Não, Pedro! não digas isso, disse Magdalena, desgostosa. Ao contrario, elle, em toda a sua vida, não fez senão bem, e no fim morreu n'uma cruz, e pregaram lhe as mãos e pés.

— Como foi horrivel! Quem fez isso?

— Os judeus, que o não amavam.

— Então Deus não era seu pae?

— Era, sim!

— Porque o não protegeu para que essa gente lhe não fizesse mal?

— Porque... disse Magdalena abaixando a voz, n'um tom sério. Era necessario que elle morresse para nos salvar, e fazer com que fossemos para o céu quando morressemos.

— Póde qualquer pessoa ir para o céu? perguntou Pedro com vehemencia, empregando grande força nas ultimas palavras.

— Sem duvida: a mãe e o avô estão lá, e eu espero um dia tambem lá ir ter com elles, e creio que lá me esperam, continuou Magdalena, olhando pensativamente por entre os troncos dos salgueiros, para o céu azul e claro.

— O ceu é bello? disse Pedro.

— Oh! sim! Deus, Jesus, e os anjos celestiaes estão lá, sem tristezas nem afflicções, disse Magdalena.

— Podem todos para lá ir?

Magdalena hesitou.

— Parece me que não, disse ella, abaixando a cabeça. O avô disse-me que era necessario ser bom e amar a Deus e Jesus, para poder ser admittido.

Pedro suspirou profundamente.

— Então eu não posso lá ir, disse elle, porque não conheço Jesus, e nunca amei a Deus?

— Mas, disse Magdalena, eu vou lêr-te a sua vida, e aprenderás com certeza a amal o, saberás quanto elle é bom.

— Não é já tarde?

— O avô disse-me um dia que nunca era tarde para amar a Jesus, disse Magdalena, que depositava inteira confiança em tudo que seu avô lhe tinha ensinado durante as poucas semanas que tinha estado com elle.

E nós responderemos como Magdalena. Não, Pedro, nunca é tarde para entregarmos ao nosso Salvador um coração cheio de magoas, e uma alma sobrecarregada pelos trabalhos d'esta vida, que talvez, sem nós percebermos, está suspirando pelo perdão e felicidade celestial. Escutae com attenção as palavras d'este Santo Livro. lidas peia bôcca de uma creança, que era, sem saber, um instrumento de Deus, a quem tu não conheces, mas o qual te ama com amor eterno, agora te attrahirá pela sua misericordia e compaixão.

* * *

Deixemos por algum tempo Pedro e Magdalena entregues á leitura do segundo capitulo do Evangelho de S. Matheus,

que a pequenina tinha escolhido para começo de seus estudos, e voltemos atraz um pouco.

Havia dois mezes que Magdalena vivia entre ciganos, porque maestro Gaspar e sua comitiva pertenciam na verdade áquella raça.

Durante esse tempo tinham andado de cidade em cidade, de villa em villa, até que chegaram ao sitio onde agora estavam. Devido á sua intelligencia natural, e flexibilidade de membros, a pequenina tinha feito muito progresso em tudo que seu chefe lhe ensinava; montava perfeitamente, e era o de que ella mais gostava. Representava muito bem n'aquellas comedias improvisadas pelo chefe, que era insigne n'isso; ella dançava com Francisca umas danças phantasticas que não deixavam de ter uma graça rustica e original, que geralmente causam aos espectadores espanto e admiração. Era d'este trabalho que Magdalena menos gostava, porque a punha em contacto com Francisca que, de dia para dia, lhe mostrava mais aversão. Francisca era ignorante e sobretudo invejosa. Era ardente, orgulhosa, e ambiciosa. desejava monopolisar todas as attenções, e ser a unica applaudida; partilhar qualquer coisa d'outrem era-lhe insupportavel. Magdalena, apesar de não ser tão formosa como Francisca, era mais encantadora e agradava mais, tanto que a saudavam e chamavam todos. Isto era o sufficiente para excitar o odio de Francisca, que n'aquellas occasiões se via obrigada a moderar se e reprimir-se com receio do chefe. Durante os primeiros dias que Magdalena entrou n'esta companhia, sentia-se triste e desanimada. A pouco e pouco a distracção de sua nova vida, amigavel intimidade com Pedro, em fim, a elasticidade da juventude, disfarçaram a sua magoa, a sua antiga alegria voltou, e começava a gostar d'aquella vida. Não deixava de mostrar que era italiana, pelo gosto que tinha pela dança e theatros.

Ella corria grande perigo sem saber, estava-se aproximando d'um abysmo, que seria fatal ao seu temperamento colerico. Porém seu avô tinha dito: «Deus proverá.» Elle vigiava a orphã, e a guiaria no bom caminho. O livro do avô, que tinha sido desprezado durante aquellas semanas, se ti-

nha aberto outra vez, e a divina voz se fazia ouvir na consciencia de Magdalena.

CAPITULO X

Os resultados do livro

Os saltimbancos tinham chegado a uma velha villa: tinham fixado o acampamento n'um terreno publico, um pouco arredado da cidade, tinham armado uma grande barraca onde faziam circo e theatro, e tencionavam ficar n'esta povoação enquanto tivessem auditorio. Assim faziam em todas as cidades grandes por onde passavam. A companhia estava agora composta de maneira que podia dar representações, além das que vulgarmente se viam pelas ruas. O chefe tinha um talento raro para inventar, e o verdadeiro dom de organização; sabia fazer brilhar a sua companhia, distribuindo-lhe os papeis competentes, e algumas peças eram alegres, agradaveis, e com scenas originaes.

Eram quatro horas da tarde; o chefe estava no centro do circo, com um chicote na mão, excitando pelos seus movimentos o cavallo preto, sobre o qual Magdalena estudava n'aquella occasião uma successão de saltos perigosos. Cavallo e creança estavam cobertos de suor, não podiam mais! O olhar supplicante d'uma, e o arquejar do outro, pediam descanso, mas em vão.

Os saltos pelo arco não tinham agradado ao chefe, e haviam de começar outra vez. Magdalena já não tinha força nas pernas, e começava a entontecer, e pela primeira vez, desde que praticava, estava com medo. De repente deu um grito, cahiu, ficando assentada no animal. Este, que já estava farto de gallopou, parou, imaginando que estava tudo concluido: porém enganou-se.

—O que quer dizer isto? gritou o chefe n'um tom mais severo do que era o costume para Magdalena. Eu já lhe dei o signal de parar?

—Eu estou tão cançada e quente! disse Magdalena.

Affianço-lhe que já não posso mais ; e veja como o cavallo está fatigado! também precisa descansar.

—Descançar! A menina está mandriona hoje,—disse uma voz clara mas zombeteira, que sahia da entrada do circo. —Talvez queira um confortativo, quer que a ajude a apear?

Magdalena levantou os olhos, e viu Francisca encostada à porta; as cortinas encarnadas ao fundo faziam brilhar as suas formosas e orgulhosas feições; ella fixava o chefe com uma expressão imperiosa, e ao mesmo tempo insolente.

Elle impacientou se e mordeu o beijo.

— É um despropósito! —exclamou elle com violencia. —Ainda não saltaste uma vez bem; se fôr necessario, estaremos aqui mais duas horas, mas has de aprendel-o. Sobre o cavallo, e depressa!

Acabando de dizer estas palavras, deu um forte estalo com o chicote. O animal, acostumado à irresistivel obediencia, aproximou se, e começou a sua monotona carreira em volta do pequeno espaço que lhe era concedido; mas Magdalena não estava acostumada a esse tratamento. Ella devêras estava muito cansada e exhausta, e quando diligenciou montar, faltou-lhe o estribo, e ia caíndo de costas.

O chefe jurou castigal-a, e Magdalena sentiu as correias pelos hombros, e uma aguda gargalhada lhe soou aos ouvidos. A indignação e raiva animaram-na; ella venceu a fadiga e receio, e saltou para cima do cavallo reprimindo as lagrimas. A pobre creança afinal conseguiu executar varias vezes o novo trabalho, que lhe tinha custado tão caro. O chefe então assobiou, o cavallo parou, e Magdalena apeou-se, sem poder respirar.

Francisca tinha desaparecido.

— É muito melhor assim,—disse o chefe em voz branda. —Lembra-te que eu quero ser obedecido em tudo, e sempre; tu não ganhas nada em teimares comigo, porque eu sei o que podes fazer. Toma,—disse elle a Pedro, que entrava, atirando-lhe as redeas do cavallo,—leva-o, e esfrega-o muito bem,

Magdalena saiu sem fallar. Ella não se atrevia a mostrar a ira que sentia no seu coração. As creanças sentem

mais qualquer injustiça que as pessoas mais velhas, porque ainda não estão acostumadas a ellas.

Quando Pedro concluiu o seu trabalho, que, apesar da sua grande fraqueza, fez conscienciosamente, Magdalena foi ter com elle, e foram ambos para um sitio retirado, com Sirrah e o livro do avô. A pequenina lia regularmente todos os dias ao seu companheiro, que a escutava com toda a attenção. Pedro fazia poucas observações, mas reflectia muito sobre o que ouvia. Às vezes Magdalena enfadava-se com o seu silencio; levantava a cabeça, imaginando que elle tivesse adormecido; porém os seus grandes, escuros, e brilhantes olhos, fixos n'ella, logo a desenganavam, e continuava lendo sem descançar até ao fim do capitulo que tinha começado. A pouco e pouco, dia após dia, as idéas do abandonado rapaz se iam esclarecendo. Uma influencia branda e persuasiva trabalhava em sua alma: elle ouvia a voz do Senhor, seu coração, desejando ardentemente o amor e felicidade, sentia insensivelmente as grandes e sollemnes verdades da vida e da morte. É bem certo que só o Evangelho, em sua eloquente simplicidade, tem mais poder de penetrar n'alma e convencer-a, que os argumentos dos mais penetrantes e profundos philosophos.

N'aquelle dia Magdalena estava triste; assentou-se sem dar palavra, descançou a cabeça na mão; estava immovel, esquecendo se mesmo do livro do avô. Pedro olhou para ella em silencio. Elle em parte advinhava os sentimentos do seu coração, porque tinha presenciado o final da scena antecedente. Infelizmente, elle bem sabia que era o preludio de muitas outras scenas que haviam de seguir se; elle conhecia bem o chefe, e apesar da grande indulgencia que este tinha usado para com Magdalena, Pedro estava certo de que ella não duraria muito tempo.

Magdalena de repente indireitou-se, seus olhos escuros chammejavam de indignação.

— Eu odeio-a! — disse ella, cerrando os dentes.

Pedro olhou para ella admirado.

— A quem te referes? — perguntou elle.

— A ella! a Francisca, áquella perversa rapariga; não posso toleral-a. Ella foi a causa de eu ser castigada injus-

tamente ! Ha muito tempo que eu sei que ella não gosta de mim. Sempre desconfiei d'ella ; porém agora odeio-a ! — disse Magdalena, carregando na ultima palavra.

N'aquelle momento sentimentos de magoa, ira e odio, contendiam na sua apaixonada alma. O que diria o avô se ouvisse Magdalena fallar assim ?

Pedro continuou olhando para ella ; nunca a tinha visto assim. A sua expressão, que geralmente era tão docil e pura, agora assustava o, apezar de estar habituado a modos grosseiros e linguagem impetuosa.

— Socega. Magdalena disse elle afinal.

— Não ! respondeu ella furiosa. Não socego ; por causa d'ella é que me bateram. Oh ! eu podia matal-a ! sim, podia !

— Oh ! Magdalena, socega, não grites tanto. elles podem ouvir-te implorava Pedro.

Mas a pequena estava demasiadamente irritada para abrandar assim: argumentos mais poderosos que os de Pedro seriam necessarios para acalmal a. De repente Pedro curvou-se e poz a mão sobre o coração, meio suffocado. Então ella na afflicção e compaixão pelo seu companheiro, abrandou a ira, e ficou consternada ao pé d'elle, desejando soccorrel-o, mas sem saber o que havia de fazer.

D'esta vez o ataque não foi tão prolongado. Em pouco tempo o rapaz respirava mais facilmente. Elle sorriu-se para Magdalena que tinha ajoelhado a seu lado.

— Oh Pedro ! quanto sinto ter sido a causa de teres agora este doloroso ataque.

Elle sacudiu a cabeça.

— Já passou — disse elle em voz baixa. — Agora assenta-te, e lê um bocadinho, sim ?

Magdalena levantou o livro que tinha caído no chão, e abriu o no fim do Evangelho de S. Lucas; e ella lia em voz tremula a narração tão simples e tocante dos soffrimentos de Christo. Pedro tinha escondido a cara nas mãos para occultar as lagrimas que não podia suster, ao ouvir aquellas sublimes linhas em que se diz: «Pae, perdôa-lhes, porque não sabem o que fazem.» A voz da leitora enfraqueceu, ella não podia continuar ; a sua consciencia a reprehendia.

Uma voz interior lhe perguntava : «Tu já perdoaste ? Não sabes que deves perdoar ?» Magdalena, receando esta accusadora voz, porque ainda se não queria sujeitar, tendo o coração cheio de rebellião e odio, começou a lêr outra vez, e só parou no fim do capitulo vigesimo terceiro.

Depois houve um momento de silencio. Afinal disse Magdalena :

— Em que pensas, Pedro?

— Estou pensando em Jesus — respondeu elle logo.

— Em quem ? em Jesus ?

— Sim, estou pensando como Elle é tão bom ! Como podemos nós amal o sufficientemente ?

— Eu acho que aquelles homens perversos o trataram cruelmente, — disse Magdalena, — e não posso comprehender como Elle lhes pôde perdoar ! — continuou ella em voz baixa.

— Porque elle os amava, — disse Pedro pensativo. — Mas eu não comprehendo bem o caso; é tão difficil amar aquelles que nos tratam mal ! comtudo, é possivel.

— Julgas isso ? Por minha parte nunca poderei amar Francisca — disse Magdalena

— Olha, eu verdadeiramente odiava o chefe, e muitas vezes lhe desejei todo o mal possivel. Mas desde que me leste a vida de Jesus, tenho pensado muito sobre tudo que Elle nos diz no seu livro; quando me tens fallado do céu, muito tenho desejado poder lá ser admittido. Já não tenho os mesmos sentimentos para com o chefe. Não te posso explicar, porém quando o vejo, tão grosseiro, cruel, e ambicioso, penso que elle ignora todas estas coisas, e nunca poderá ir ter com Jesus; então tenho pena d'elle, e esqueço as suas perversas acções. Não é isto o que Jesus desejava, e o que nos ensina, afim de preparar-nos para irmos com Elle para o céu ? Não achas ?

— Talvez. — respondeu Magdalena hesitando ; porque não comprehendia bem. Ella ainda se não tinha aproximado d'aquelle mundo invisivel que se revela á alma que brevemente para lá irá ; emquanto que Pedro já sonhava com os anjos, e n'elles pensava dia e noite.

Esta conversa abrandou a pequenina ; ella reflectia nas palavras de Jesus, e nas do seu companheiro. Olhando

para o livro velho, encadernado de preto, lembrou-se de seu avô, e esta lembrança afugentou os maus pensamentos do seu coração.

— Poderei eu perdoar a Francisca? — perguntava ella a si mesma, á noite, quando repetia as suas orações. — O' Jesus! ajuda-me, porque eu, apezar de ter bastantes desejos, não sou bôa, — exclamava ella com angustia, e tornava-se-lhe a apresentar aquellas palavras: «Pae perdoalhes, porque não sabem o que fazem». Ella abaixou a cabeça, e cruzou as mãos, dizendo: «Jesus perdoou muito mais do que eu. O' Senhor, eu tambem quero perdoar a Francisca; ensina-me a amal-a.» As lagrimas corriam-lhe pelas faces, e quando se levantou, a sua consciencia estava alliviada d'um grande pezo, e seus olhos brilhavam com duçura.

N'aquelle momento Francisca entrou no compartimento; empurrou Magdalena, que estava no meio d'aquelle pequeno espaço, exclamou malignamente: «O quê, ainda não estás na cama, miseravel que tu és! Tira-te do meu caminho, e depressa, senão eu te ensinarei,» disse a joven cigana zangada. Magdalena não disse palavra, e em breve estava na cama: apezar da sua malvada companheira, era feliz porque a paz tinha entrado na sua alma.

CAPITULO XI

Outra despedida

— Pedro, -- disse Magdalena para seu companheiro, alguns dias depois, — nunca me contaste nada da tua juventude; sempre tens vivido com esta companhia?

— Não, mas pouco me lembro da minha juventude. Vivia n'uma rua escura e estreita, n'uma grande cidade; a visinhança era pobre; tinha muitos companheiros esfarrapados e ignorantes como eu, e brincavamos todo o dia no pateo da casa,

— Não tinhas mãe?

— Não, — respondeu Pedro com tristeza, — eu nunca soube os nomes de meus paes.

— Ah! pobre Pedro! — disse Magdalena, cheia de compaixão pelo seu completo desamparo. — Com quem então vivias tu?

— Eu vivia com uma velha que me creou, assim como outras creanças. Mandava-nos pedir esmola, e se voltava-mos sem dinheiro, batia nos.

— Lembras-te do nome da cidade?

Pedro pensou um momento, e respondeu:

— Não estou certo; sei que não fallavam lá francez, apesar de me ter esquecido da minha lingua nativa. Era um porto de mar, e lembra-me que gostava muito de vêr os mastros dos navios. Tambem havia bellas egrejas. A's vezes o ar era muito quente, tão quente que eu muitas vezes dormia na rua, sobre degraus de marmore branco.

— Decerto que era na Italia, — disse Magdalena.

— Eu creio que sim.

— Como vieste para aqui?

— Um dia o chefe entrou no nosso pateo, e fallou por muito tempo com a velha; ella depois chamou-nos; eramos quatro ou cinco, e fez-nos todos vir á presença do chefe. Elle examinou nos todos cuidadosamente, fez-nos correr e saltar, em seguida contou algum dinheiro que deu á velha, pegou-me pela mão e levou-me. dizendo que d'aquelle dia em diante lhe pertencia. Como não me bateu, era-me indifferente, e fui com elle muito satisfeito.

— Que idade tinhas?

— Talvez cinco ou seis annos.

N'aquelle momento uma voz imperiosa chamou as creanças. Eram horas, do ensino. Pedro foi apromptar os cavallos para os levar para o circo. Depois d'uma hora elle foi buscar os dois animaes arquejantes de canção. Elle então disse para o chefe, quando pegou nas redeas:

— Senhor, posso ensinar Benjamim a tratá-los? Parece-me que elle o fará conscienciosamente.

O chefe deu um salto, e tornou-se carrancudo.

— O que quer dizer isso, seu miseravel? Tem outro ataque de mandriice?

Pedro olhou para elle com seus olhos expressivos, os

quaes pareciam maiores, pela sua grande magreza, causada pela prolongada doença.

— Vós sabeis porque é, senhor,— respondeu elle soccadamente:— eu não posso continuar, as forças faltam-me.

— Bem,— rosnou o chefe n'um tom impaciente— chama Benjamim, e faze o que quizeres.

Elle voltou costas, e assobiou para disfarçar, porque bem sabia que Pedro não era mandrião, e que as chicotadas não restauravam as forças.

Benjamim era um palhaço d'uma agilidade e flexibilidade espantosa; a sua origem não era conhecida; sua figura, physionomia, e mesmo a voz, lhe davam aquelle ar burlesco proprio de seu officio; havia sempre uma gargalhada geral quando elle apparecia no circo, quer entrasse andando com os pés ou com a cabeça para baixo. O chefe apreciava o seu talento, e nunca o tratava mal. Todos os seus companheiros o estimavam pelo seu bom genio, pois era brando e divertido. Era alegre, sempre bem disposto, incapaz de fazer mal a pessoa ou coisa alguma. Pedro estimava muito os seus cavallos, e bastante o apoquentava a idéa de os entregar a qualquer pessoa que fosse cruel e os maltrattasse. Reflectindo, lembrou-se de que Benjamim era o uniço da sua confiança, e por isso se animou a fallar n'isto ao maestro Gaspar.

Quando Pedro o chamou, o joven palhaço, que estava deitado á sombra, respondeu, imitando a voz de um velho:

— O que me quer, meu rapazinho?

— Anda cá, peço-te.

Para lhe mostrar quanto lhe custava levantar-se, deu um grande gemido, e veiu andando com custo.

— Ás tuas ordens, meu queridinho,— disse elle, collocando uma das mãos sobre o coração, e acompanhando os movimentos com uma careta.

— Vamos, Benjamim— disse Pedro, olhando para elle;— podes estar sério um momento e escutar-me?

— Sério? Certamente! ninguem é mais sério do que eu, — exclamou o palhaço, começando a dar cambalhotas.— Falla, porque estou escutando.

Pedro, que o conhecia havia muito tempo, sem se apoquen-

tar mais, deu-lhe as ordens do chefe, dizendo-lhe que tinha que tratar dos cavallos até... aqui Pedro hesitou. O palhaço logo parou com as cambalhotas.

—Eu,—disse elle,—agora feito moço de cocheira? Isso não me serve! Porque te lembraste de mim? Eu decerto que os esfregarei ao contrario, ou lhe atarei as caudas ao cavallete de fôrma que elles não possam chegar a comer a ração; que brincadeira!—e assentou-se no chão, rindo como um louco.

Pedro impacientou-se, e suplicou-lhe dizendo:

—Vamos, Benjamim, se é possível, sê rasoavel, trata d'aquelles animaes; elles estão suando muito, não podemos demorar mais tempo, vem comigo para a cavallariça; eu te ajudarei a esfregar-os, e te explicarei como debes fazer tudo.

Havia uma doçura e firmeza nas palavras de Pedro que eram irresistiveis. Benjamim seguiu-o sem dizer palavra. Pedro começou a trabalhar quando chegou á cavallariça, porém, tremia de tal fôrma que não pode continuar; a sua respiração era curta e apressada; cobriu-se d'um suor frio, que bem mostrava a sua grande fraqueza. Benjamim observou-o por um momento em silencio, e pegando n'uma pouca de palha, disse-lhe n'outro tom:

—Tira-te d'ahi, meu rapaz, estás fraco de mais para este trabalho; deixa-me fazel o; os teus favoritos serão bem tratados, pôdes estar certo.

—Bem vês,—disse Pedro, com um fraco sorriso,—que foi necessario procurar quem me substituisse; e lembrei-me de ti por ter a certeza de que seriam bem tratados.

Benjamim continuou o seu trabalho com uma tal energia, de que nignem o julgaria capaz, quando o vissem deitado debaixo das arvores. Emquanto trabalhava, pronunciava phrases amigaveis e comicas, que dirigia tanto aos cavallos como a Pedro.

—São muito bonitos estes dois cavallinhos,—dizia elle quando já estavam bem enxutos.—Elles dão coices?

—Não ha perigo d'isso emquanto os tratares bem, mas ao contrario, não respondo por isso, porque elles são orgulhosos. Pobres cavallinhos,—disse Pedro, passando seus

magros e compridos dedos pelas crinas do cavallo preto, — elles conhecem-me tão bem ! e estimamo-nos mutuamente. Sejam bons, e Benjamim os tratará bem quando eu partir.

Vieram as lagrimas aos olhos do palhaço, que elle disfarçou, enquanto que o animal, com o qual Pedro fallava, arrebitou as orelhas como se desejasse dar toda a attenção ás palavras do seu amigo.

— Estes animaes, — disse Benjamim — entendem como nós ; não devem ser desprezados nem apoquentados ; eu bem comprehendo a grande amizade que se lhes toma.

— Sim, Benjamim, tu tens bom coração, eis o motivo porque eu desejava entregar-t'os. antes de partir.

— Tu vaes partir ! o que quer isso dizer ? — disse o palhaço, que estava a encher a manjedoura.

— Tu sabes muito bem, meu amigo, — disse Pedro brandamente, — bem vês que tenho cara de doente.

— É verdade, mas com o tempo e cuidado...

Benjamim, apoquentado, tornou a parar.

— O tempo nada me pôde fazer : o cuidado, — Pedro disse esta palavra d'um modo significativo, — não podemos esperar isso aqui : não, Benjamim eu não me engano. Em breve deixarei este mundo, o que me regozija, — ajuntou elle.

— Isso é muito original ! — exclamou o palhaço. — E regozijas te com isso ! é a primeira que tal oiço !

— Imaginas que tenho sido feliz ? — disse Pedro ; — a vida não me tem dado nem gozos nem afeições. Se Deus não tivesse tido compaixão de mim, teria desesperado. Elle me ensinou a conhecer Jesus e o céu : e creio que irei para lá, — continuou elle, sorrindo.

O palhaço entristeceu.

Ah ! Benjamim, pobre palhaço, tu não és o unico a quem se apresentam em letras de fôgo estas palavras. — E depois ? — mas se a tua alma está faminta e sequiosa. Aquelle que a creou não a deixará sem resposta.



CAPITULO XII

As ultimas palavras

Os dias de calor tinham passado. Os saltimbancos tinham partido, e avançavam fazendo pequenas estações, de cidade em cidade, de villa em villa, pela costa de um lindo e formoso lago que os poetas muito teem decantado, e os que vivem em seus confins muito admiram.

Pedro já não deixava o miseravel canto que occupava na caravana dos cavallos. Era um pequeno compartimento cheio de môlhos de palha para as camas dos cavallos, e que tambem lhe servia a elle de enxerga.

A luz penetrava n'este estreito espaço por uma pequena janella e pela porta que Pedro conservava aberta dia e noite para lhe dar ar. Aqui passava elle as horas solitarias inclinado, vendo passar as differentes pessoas da companhia, os passaros voando de tronco em tronco, mas sobretudo admirava o céu com sua carregada côr purpurea nas lindas tardes de verão, os Alpes. e o lago tão limpido e azul. Tudo isto mostrava a Pedro o amor e bondade d'aquelle Deus e Pae por quem elle esperava em breve ser chamado.

O que era feito da nossa pequena Magdalena? Ella não era feliz, pobre creança. Tinha um só desejo. que era de poder estar sempre com Pedro. mas era impossivel, porque o chefe. induzido por Francisca. dava-lhe constantemente que fazer. Ainda assim aproveitava todos os minutos para estar com o seu companheiro, e sempre levava o seu precioso livro. Uma tarde de muito calor no mez d'agosto. Pedro, para receber mais ar, tinha-se assentado perto da porta. encostado a um môlho de palha. Estava socegado e pensativo: a sua grande magreza, seu parecer transparente, e respiração curta, bem mostravam a rapidez com que a doença augmentava. Sentiram-se passos, e Magdalena appareceu, muito encalmada e quasi sem respiração.

—Ó Pedro, ha tanto tempo que te deixei só. bastante desejava vir mais cedo; porém, tive que começar os exercicios não sei quantas vezes. O chefe nunca estava satisfeito; estou tão cansada,— disse ella; deitando-se sobre a palha ao pé d'elle.— Já não gosto de andar a cavallo, tenho sempre medo de errar o arco, e que me batam.

—Escuta, Magdalena,--disse Pedro brandamente,—fazes-me um favor?

- Dois, se poder.

—Então promette-me que deixarás esta companhia quando eu morrer.

—Ai! Pedro! — exclamou a creança, escondendo a cara nas mãos.

—Acredita, Magdalena. que o que te digo é para teu bem; tenho pensado muito estes dias, e vejo que te faz muito mal continuares a estar com esta gente. Tu ainda os

não conheces bem, e quando os conheceres, cada vez gostarás menos d'elles, e verás a minha verdade. Estou certo de que não era da vontade de teu avô tu ficares aqui. Antes da leitura do teu livro, eu era infeliz, é verdade, mas não sentia o que sinto agora; vejo que não é boa esta vida, e se vivesse não gostaria de a continuar; e para uma menina muito menos convém.

—Eu tambem não desejo ficar,—disse Magdalena.—Mas que posso eu fazer? Para onde posso ir?

—Não te posso dizer!—disse Pedro, tambem embaraçado.—Tu bem sabes que Jesus cuidará em ti, porque Elle está sempre comnosco. Peço-te que me promettas que aproveitarás a primeira occasião que tiveres para fugires, e eu morrerei mais descançado.

—Prometto-te,—disse Magdalena, muito séria, e impressionada pelo cuidado que elle tinha d'ella — Alem d'isso é muito difficil aturar Francisca; ella de dia para dia é mais maliciosa para mim. Eu tenho orado, e feito todos os esforços, porém sinto que me não é possivel gostar d'ella, e zango-me devéras quando ella se ri, se o chefe ralha ou me bate.

—Elle já te bateu depois d'aquelle certo dia?

—Sim,— respondeu Magdalena com tristeza,—é injusto e cruel

—Pobre Magdalenasinha,—disse Pedro,—tu não podias supportar esta vida por muito tempo, ou então te tornavas velhaca e perversa como elles. Isso não, deixa-os o mais breve possivel. Todo o dia tenho pensado nas moradas de Jesus; muito gosto me davas se lesses esse capitulo no teu livro.

Magdalena abriu o livro no Evangelho de S. João capitulo xiv: leu-o todo pausadamente e em voz baixa, e sua voz tremia quando pensava n'aquelles que já tinham ido para essas promettidas mansões as quaes ella imaginava serem tão lindas e felizes!

Pedro escutou em silencio. Depois da leitura concluida, Magdalena ficou silenciosa tambem. De repente disse Pedro:

—Magdalena, o que queres que diga a tua mãe da tua parte?

Espantada com esta pergunta, Magdalena começou a chorar. Pedro pôz a mão sobre a d'ella, e disse-lhe amigavelmente :

— Eu não desejava apoquentar te, mas ; posso morrer talvez esta noite o Senhor me chame, e não terei tempo de te fallar outra vez.

— Conta tudo á mãe, e ao avô,— disse Magdalena entre lagrimas, com uma simplicidade de creança.— Dize-lhes que nunca me esqueço d'elles, e farei a diligencia de ser boa pequena.

— Como os posso eu conhecer? — disse elle n'um tom pensativo, — eu nunca os vi.

Magdalena não lhe tinha vindo isso á ideia.

— E' verdade;— disse ella,— mas... talvez que elles nos vejam, e venham ter contigo para saberem noticias minhas.

As duas creanças conversavam, trocando perguntas innocentes, até que o pôr do sol fez lembrar a Magdalena que era tempo de se preparar para a representação da noite. Bastante lhe custava resolver-se a deixal-o, e conservava-se ajoelhada ao lado do seu companheiro.

— Não te posso deixar assim,— disse ella brandamente. — Oh ! se o chefe por uma vez me dispensasse.

— Não te apoquentes por minha causa, Magdalena,— disse Pedro sorrindo.— Vae corajosamente; o que te peço é que me deixes o livro de teu avô.

— Tu não sabes ler ! — disse ella admirada.

— Não, mas gosto de olhar para elle e de o ter nas mãos; elle me fará lembrar de Deus, e não terei que recear.

— Recear de quê ?

— De morrer,— disse Pedro em voz baixa,— Parece-me impossivel poder ir para o céu, quando me lembro que tenho sido tão máu. Depois lembro me do *ladrão*, sabes; Jesus perdoou o, e me perdoará tambem. Sinto-o aqui,— ajuntou elle, pondo a mão sobre o coração,— a vista d'este livro me ajuda.

— O que fazes ahi, Magdalena?— exclamou Benjamim, mettendo a cabeça de repente pela porta que estava entre o cubiculo de Pedro e a cavallariça dos pequenos cavallos.

— Avia-te, senão chegas tarde; eu estou apromptando os cavallos ; não ouviste a chamada ?

— Já vou, já vou ! — disse Magdalena, com receio de chegar tarde, — adeus Pedro, ou para melhor dizer, até á vista, — disse ella corrigindo a phrase.

Elle sorriu se, e disse : « Adeus, não te esqueças da tua promessa. »

Magdalena partiu a correr, olhando para traz a dizer-lhe adeus. O seu coração estava triste aquella noite; tinha um presentimento de alguma calamidade.

— Estás muito atrazada, — disse Francisca, que estava no seu compartimento concluindo o seu penteado. — D'onde vens, minha vadia ?

Magdalena não respondeu; vestiu-se o mais depressa possivel, tanto que estava prompta quando lhe chegou a sua vez de apparecer, mas estava distrahida, e não fazia o seu papel tão bem como era costume.

O maestro Gaspar olhava para ella com um ar severo, e o palhaço a admoestava: de vez em quando approximava se d'ella, e fazia com que desse attenção ao que estava fazendo; afinal, ou bem ou mal, ella terminou a sua improvisada representação; dançou, e deu grandes saltos sobre o cavallo preto. As horas passaram, a noite concluiu, e a multidão dissipou-se. Magdalena, livre então, escapou-se sem ser vista, e correu, vestida de amazona, para a caravana de Pedro. Quando se approximou, viu-o na mesma posição, reclinado, seu rosto voltado para o céu, agarrando o livro com as mãos.

Todo o dia tinha estado a atmospheria muito carregada, porém as nuvens se tinham dissipado, a lua brilhava no céu claro, e uma leve briza refrescava as encaloradas faces da pequena, quando ella subia os degraus da caravana.

— Como estás, Pedro ? não quiz ir deitar-me sem vir dar-te as boas noites. Estás dormindo ? — disse ella, inclinando-se sobre elle, porque lhe não respondia. Mas em breve Magdalena recuou, dando um grito tão agudo, que Benjamim, vindo trazer os cavallos para a cavallariça, correu para ella muito assustado.

— O que tens ?

Magdalena, sem fallar, apontou para a pallida physionomia de Pedro, que o reflexo prateado do luar augmentava.

Benjamim comprehendeu logo.—Pobre rapaz,— disse elle n'um tom bem differente do seu costume. — Está tudo concluido e bem concluido,— ajuntou elle, collocando a mão sobre os dedos frios do rapaz, que era orphão e sem lar terrestre, mas tinha n'aquelle momento entrado no lar celestial.

— Elle está morto? — perguntou Magdalena em palavras pouco intelligiveis.

Antes d'elle poder responder, ouviu-se uma voz aspera e imperiosa dizer:

— O que temos outra vez? Por causa d'este rapaz toda a minha gente anda desorientada. O que faz aqui, sua petulante? — continuou o chefe, dirigindo se expressamente para Magdalena.

Benjamim disse n'um tom firme e respeitavel:

— Senhor, olhe para elle!

O chefe olhou, sua ira abrandou como por encanto. Pedro parecia repousar no mais socegado somno, suas feições tinham uma expressão quasi celestial; tinha um sorriso nos labios, o seu todo apresentava uma expressão de tranquillidade e felicidade; e o chefe, quando olhou para elle, sentiu um respeito involuntario, e um inexplicavel temor.

Os soluços de Magdalena fizeram n'ò tornar a si; passou a mão rapidamente pela testa.

— Amanha é preciso participar a sua morte, e fazer-lhe o enterro, — disse elle apressadamente a Benjamim; e voltando-se para Magdalena, disse: — Vae para a cama, pequena, já são horas.

— Oh! deixe-me ficar aqui mais um bocado, — implorou ella.

Elle acenou-lhe com a cabeça, e retirou-se pensativo. Este incivilizado e negligente saltimbanco o que pensaria? No lindo e mysterioso sorriso do rosto de Pedro, que elle não comprehendia, mas que o impressionou. Ó que seria que fez Pedro tão feliz ao deixar o mundo? Maestro Gaspar estava confundido, e nos seus sonhos continuava a ver o sorriso do pobre Pedro.

Na tarde do dia seguinte, n'um canto retirado do cemite-

rio da villa proxima, se abriu uma cova, onde collocaram um caixão sem cerimonia nem apparato. Um rapaz, uma menina e um cão, era todo o acompanhamento que levava.

Quando o coveiro deitou a ultima pá de terra, a pequenina ajoelhou sobre a humilde cova, e exclamou entre lagrimas :

— Oh! Pedro, Pedro! porque me não levaste contigo? eu tanto estimaria morrer tambem!

A orphã chorou por muito tempo sem interrupção.

— Vem, Magdalena, — disse afinal Benjamim em voz branda, — cala a tua magoa, não podes fazer com que elle volte.

Magdalena levantou-se em silencio. O que podia ella dizer? Vagarosamente, com o seu companheiro, se encamiuharam para o acampamento. Achava-se muito só. Aquella noite abraçou o livro de seu avô mais que nunca, porque lhe fazia lembrar Pedro.

CAPITULO XIII

Novos trabalhos

— Quanto tempo tencionas estar ahi deitada, minha mandriona? — disse Francisca um dia, n'um tom irrisorio, á pequena Magdalena que estava deitada na cama, por ter dado uma queda do seu cavallo.

Magdalena não respondeu. A vida era-lhe bem custosa; desde a morte de Pedro tudo ia contra a pobre Magdalena; sentia o coração opprimido pela completa solidão em que se achava. Ella já não podia representar, nem fazer os seus exercicios como d'antes, faltava-lhe a antiga animação, e já pouco se interessava pelos cavallo. Constantemente lhe batiam e ralhavam; e afinal teve a infelicidade de cahir do cavallo n'um salto perigoso, e desde então estava de cama, tendo por unico companheiro o seu fiel Sirrah que a não desamparava. Francisca tinha se acabado de vestir de dançarina, e orgulhosamente se mirava ao espelho. Estava prompta para sahir, mas recuando pisou Sirrah n'um pé, e elle deu um latido agudo. Francisca deu-lhe um ponta-pé.

— Não tens direito de o maltratar! a culpa foi tua! — disse Magdalena levantando-se.

— O que dizes? — disse a outra. — Eu não tenbo direito

de bater n'este vil cão? Gosto d'isso! Toma pelo teu atrevimento,—e deu-lhe uma bofetada. Abriu a porta apressadamente, e pôz fóra o cão, não fazendo caso do seu ganir.

— Oh! tu és má, muito má!—disse Magdalena, pallida de raiva.

A unica resposta da cigana foi uma gargalhada de escárneo. Ainda Magdalena não tinha socegado, quando a porta se abriu e maestro Gaspar entrou. A sua expressão sombria e carrancuda não lhe annunciava coisa boa.

— Ainda na cama!—disse elle asperamente,—já devias estar boa ha muito tempo; levanta-te para eu vêr se pôdes andar.

Magdalena não se atreveu a responder. Tremendo, levantou-se e deu alguns passos no pequeno recinto.

— Oh! mandriona! vejo que estás melhor. Porque não vaes para o teu trabalho?

— Mas... disse a creança,—doe-me muito quando ponho o pé no chão, e não posso estar em pé.

— Asneira! isso é só desculpa. Amanhã has de começar o teu trabalho, e se não trabalhares não te dou de comer.

Elle retirou-se. Magdalena suspiron, e começou a chorar.

— Estou certa, —murmurou ella, — que foi Francisca quem lhe disse que eu estava boa, o que não é verdade. Ella é tão perversa! Oh. não ficarei aqui.

Emquanto estava maldizendo a sua sorte, sentiu uma coisa fria chegada á mão. Era Sirrah que se tinha introduzido na caravana quando o chefe entrou, e a estava acariciando.

— E's tu, pobre Sirrah! Eu estimo-te muito, — disse Magdalena, segurando lhe na cabeça com as mãos. — O que faria eu sem ti? Nós, sós, em breve partiremos para bem longe d'esta gente que nos odeia.

O cão, mostrando a sua intelligencia, olhou para ella, deu á cauda em signal affirmativa, lambeu-lhe as mãos, e deitou se ao seu lado, como quem diz: «Nunca te deixarei.»

Os dias seguintes foram bem tristes; o pé ainda lhe doia bastante, mas foi forçada a representar, fazendo as

partes mais difficeis. Ella cada vez se achava mais isolada e infeliz no meio d'aquella gente.

Benjamim tratava-a bem, é verdade; todas as vezes que a encontrava, sempre lhe fallava com amizade, e ajudava-a sempre que podia. Porém, o genio voluvel e descuidado do palhaço faziam com que Magdalena tivesse pouca confiança n'elle; além d'isso era muito mais velho do que ella, e isso era sufficiente para evitar grande intimidade. A creança afastava-se da companhia dos rapazes pois a sua linguagem e maneiras eram offensivas, e apesar da pouca idade e inexperiencia d'ella, desgostava-se com isso. E' bem certo que as primeiras impressões, que se recebem na mocidade, ficam de tal maneira gravadas no coração, e deixam uma convicção tão profunda e duradoura, que é muito difficil enfraquecer e esquecer. Magdalena tinha sempre estado rodeada de gente pobre, mas honrada, de quem nunca se esquecia.

Até agora ella não duvidava da honradez dos saltimbancos. Sabia que eram pouco civilizados, grosseiros, e mesmo crueis, e apesar de certas circumstancias que se davam lhe causarem espanto, nunca imaginou que fossem ladrões. Mas foi desagradavelmente surpreendida n'esse ponto.

Uma noite, antes de se achar completamente boa, houve uma grande representação n'uma praça publica. Depois d'uma peça comica, Francisca dançou uma dança hespanhola, e emquanto o publico admirava a formosura da joven cigana, suas graciosos posições, e flexiveis movimentos. Judith chamou Magdalena, e ordenou-lhe que fosse de roda com a bandeja pedir.

Emquanto a pequena andava entre a multidão, vestida com um lindo fato encarnado, Judith seguia-a. Affectando um ar de indifferença, porém, valendo-se da distracção dos espectadores com a pequena, ella, com grande dextreza, roubava differentes objectos, assim como lenços, caixas de tabaco, e bolsas. N'uma occasião que Magdalena apresentou a bandeja a um honrado camponez, que admirava tudo de bocca aberta, viu Judith escondida por detraz d'elle.

— Ah ! pedes alguma coisa, pequenina, hein ?—disse elle

com uma falla de provinciano.—Espera, vamos ver se acho um tostão para te dar.

Dizendo isto, o bom homem procurou na algibeira da jaqueta, tirou um sacco de coiro, onde tinha dinheiro, deu-lhe um tostão, e tornou a metter o sacco na algibeira.

Magdalena agradeceu-lhe, e continuou recebendo, porém pouco depois o que ha de ella vêr? Judith repentinamente metteu a mão na algibeira do camponez, e tira lhe o sacco. A creança empallideceu e deu um grito. Judith, sem se alterar, approximou se d'ella, dizendo :

— O que tens? Doia te muito o pé? Vem comigo. Eu te ponho uma pomada na ferida, — e pegando-lhe no braço retirou se do circo dos espectadores.

— Ah ! serpente ! disse ella entre os dentes, — não podias estar calada? Por pouco que não vou presa ; é assim que me pagas o trabalho que tenho tido contigo ?

— Mas — disse Magdalena tremendo, — era roubo.

— Que te importa isso ? — disse a perversa mulher asperamente.

— É malvado quem ronba, — disse a creança resolutamente, elevando seus grandes olhos para Judith, com uma expressão tão verdadeira e pura que a confundiu, mas ainda assim sua colera não a deixou.

— Repete isso outra vez ! — exclamou ella pegando-lhe nos hombros, e sacudindo a.

— Sim ! — disse ella, e quanto mais Judith se enfurecia mais lhe augmentava a coragem. — Eu sei que é perverso, meu avô e minha mãe me diziam.

Por resposta teve uma grande bofetada que a fez dar um agudo grito de dôr, mas quando ia dar lhe segunda, Sirrah saltou de repente, e cravou os dentes no pulso da agressora. Magdalena assustou-se com o atrevimento do cão, e foi preciso que ella o reprehendesse para largar Judith. Esta estava pallida de dôr e raiva, e olhou para a creança com odio. Embrulhando o pulso ensanguentado no lenço, disse: « Ambos hão de pagar, e eu a ensinarei a chamar-nos ladrões. »

Teria dito mais, porém Magdalena não lhe deu tempo, e voltou para o seu peditorio, mostrando-se satisfeita e agra-

davel, apesar de seus soffrimentos interiores. Afinal levou o dinheiro ao chefe, e refugiou-se na sua cama, onde chorou por muito tempo, com a cabeça encostada a Sirrah, que a tinha seguido.

No meio da sua desesperação e isolamento, Magdalena parecia ouvir uma voz que lhe dizia: «Tem coragem, minha filha, Deus proverá!»

«Deus proverá!» Ah! sim era o que seu avô lhe dizia muitas vezes, sempre tão crente e alegre. Então Magdalena lembrou-se de Deus, pôz as mãos, curvou a cabeça, e orou com todo o ardor de seu joven coração. Quando afinal se deitou, sentiu-se alliviada d'um grande peso que a opprimia. «Deus sempre me ajudará» pensou ella. «Elle sempre o faz, o avô me dizia, e eu o creio.»

Deus protegia-a, e no dia seguinte não lhe bateram como esperava: deixaram-n'a em paz. É verdade que Judith estava triste e aborrecida, mas não lhe dirigiu palavra. O chefe nada disse com respeito aos acontecimentos da noite anterior. Seria prudencia? A pequena nada sabia nem comprehendia senão que Deus a protegia. N'aquelle dia o acampamento deixou aquella terra, continuando suas estações pelos confins da provincia.

CAPITULO XIV

Sirrah

Nos fins de setembro, tendo o sol desaparecido por detrás de um elevado pincaro o crepusculo ainda coloria o lago. Tudo estava em silencio, opprimido pelo grande calor que tinha feito, e que era demasiado para a estação. Toda a natureza estava socegada: só se ouviam os passos dos fatigados cavallo, que caminhavam vagarosamente pela empoeirada estrada, de cabeças baixas, e de vez em quando se ouvia o estalar dos chicotes. Magdalena e Sirrah caminhavam atraz das caravanas; a pequena respirava com prazer a fresca brisa aromatizada pelos pinheiros, e a herva acabada de ceifar. Ella admirava o lindo panorama que a

rodejava: o lago, os prados, que apesar do calor ainda se conservavam verdes; os carvalhos á direita, cujas profundas e mysteriosas sombras pouco a attrahiam, n'uma palavra o resplandecente encadeamento que engrinaldava o lago, e fazia sobresahir a sua melancholica formosura.

Magdalena tinha um gosto artistico sem o saber; ella amava apaixonadamente a natureza. Os cavallos com difficuldade caminhavam pela estrada cheia de gingeiras; era tarde, e subiam uma pequena calçada. Em breve viram entre a folhagem das arvores alguns telhados.

—Ali está uma villa,—disse o chefe, que caminhava na frente.—Pouco teremos aqui que fazer, mas como já é tarde, acamparemos.

Pouco depois as caravanas entravam na villa, mas primeiro passaram ao lado do pomar; no centro do caminho estava uma arvore, defronte da qual havia uma estalagem, que attrahia a attenção dos viajantes pela sua apparencia, por estar toda caiada de branco, com portas verdes.

O chefe parou, e foi perguntar onde poderia acampar. Com pouca civilidade lhe apontaram para um campo mais abaixo da villa, ao pé do lago, na entrada do magnifico prado, onde havia nogueiras que faziam muita sombra. Era uma planicie, mesmo apropriada para um circo, onde elles em breve se estabeleceram.

Emquanto Judith preparava a sopa, um cavalheiro, com um parecer agradável, cuja curiosidade foi excitada por este ajuntamento pittoresco, aproximou-se.

Magdalena estava só, um pouco distante, divertindo-se em atrair bocados de pau e pedras para Sirrah ir buscar. Durante o tempo que o chefe organisava o acampamento, os cavallos pastavam no campo, comendo a herba verde com avidez. Benjamim tratava dos cavallos novos; levava lhes agua e fazia lhes as camas para a noite. Alguns rapazes empurravam se uns aos outros, e fingiam ajudar Judith. Esta tinha accendido uma grande fogueira sobre a qual pendurou uma immensa panella, segura em duas estacas que tinha enterrado no chão. Depois deitou lhe o contendo de alguns boões e cestos, e mecheu com uma grande colher de pau. Entretanto anoiteceu: era uma linda noite do ou-

tomno, clara e serena, mas já fresca. Formava um panorama pittoresco, o lume com suas brilhantes chammas, e que brilhava cada vez mais na escuridão da noite, e fazendo parecer como sombras phantasticas os homens e mulheres que passavam de um lado para o outro.

O cavalheiro, que os observava com tanto interesse, ainda lá estava, porém já rodeado das creanças da villa, que não eram poucas.

Magdalena e seu cão approximaram-se; a pequena assentou-se n'um dos degraus da caravana onde dormia esperando a hora da ceia. Ella estava fóra do circulo que rodeava o lume, e portanto invisivel; porém Sirrah, que gostava do calor, estava deitado perto d'elle, contemplando-o e fechando os olhos. quando o calor era demais; abria a bocca, suspirava e recuava, mas pouco tempo depois lá estava outra vez. Devido aos seus brancos e aguçados dentes, apesar de não gostarem d'elle, ninguem o maltratava. Assentado junto de Francisca no tronco de uma arvore, estava o chefe, conversando alegremente, quando o som d'uma voz muito perto os sobresaltou.

— Tendes um soberbo cão, meu amigo, — disse o cavalheiro de quem já fallámos, apontando para Sirrah.

O chefe levantou se e cortejou-o meio desconfiado.

— Decerto que lhe dá grande valor, disse o cavalheiro.

— Sim senhor, é um cão de grande estimação, e sabe representar muito bem. — respondeu o chefe.

— Provavelmente não quer dispôr d'elle, — continuou o estranho.

Judith olhou repentinamente, fez um signal ao filho, o qual, não vendo Magdalena, respondeu precipitadamente: — Porque não? Eu tenho outros, não tão bonitos, mas uteis tambem; se me paga bem, vendo-o; é uma bocca de menos que fica.

— Quanto quer por elle?

O chefe pediu preço exorbitante; o cavalheiro offereceu por formalidade, porque era grande amator de cães. Afinal combinaram em concluir o negocio por dez mil réis. — Posso leval-o já? disse o comprador.

Maestro Gaspar ia dizer que sim, quando um grande

barulho o fez parar. Era Magdalena que corria em grande afflicção, e Francisca a segurava; a cigana tinha muita força. e Magdalena diligenciaava em vão soltar-se lhe dos braços.

— Deixa me passar é o meu cão : eu não quero que o vendam.

— Cala-te, senão bato te — vociferava Francisca ; — tu não tens aqui nada; portanto não tens que dizer.

O chefe collocou-se de maneira que o cavalheiro não visse a briga, e disse em meia voz :

— Tenho uma pequena que estima muito este cão; não a quero apoquentar, porque ella está aqui; volte amanhã ás 8 horas da noite ; eu arranjarei algum meio de lh'o entregar ou mandar, emquanto ella estiver representando.

— Muito bem, está tudo combinado. — disse o cavalheiro satisfeito. — Eu venho amanhã á noite, adeus minha boa gente.

Dizendo isto, retirou-se vagarosamente, tendo primeiro feito uma festa a Sirrah, o qual consentiu, não deixando de lhe agradar a sua sincera physionomia.

Emquanto estas ultimas palavras se trocavam, Magdalena poude desembaraçar-se de Francisca, e n'um pulo collocou se entre o cão e o actor. Ella estava pallida, seus olhos fuzilavam. E disse com firmeza : — Não tem direito algum de vender Sirrah, elle é meu.

— Quem te disse que eu queria vendel o, — disse elle; arreganhando os dentes, — não vês que o cavalheiro já se foi?

Magdalena perguntou duvidosa :

— Promette não vender? Elle não lhe pertence.

O chefe encolheu os hombros com um olhar de zangado.

— Estás muito desenvolvida, pequena, — disse elle com um ar carrancudo. — Lembra-te que tanto tu como elle estão aqui por esmola, e se aquelle bruto continúa a rosnar e a morder, estou no meu direito de o vender sem ser necessario o teu consentimento. Retira-te e deixa-me em paz.

— Sim, sim, — murmurou Judith, — quanto mais longe melhor.

Magdalena retirou se desanimada, segurando Sirrah pela colleira, receando que lh'o tirassem.

— Elle não me deixará, — disse ella comsigo; — não o perderei de vista.

Apezar de ter muita fome, tinha certa repugnancia de se approximar d'aquelles que ella considerava seus inimigos, para receber o seu quinhão. Benjamim, que já tinha o seu, viu a assentada n'um canto atraz da caravana, com ambos os braços de roda do pescoço de Sirrah, com os beiços cerrados e o olhar espantado.

Elle parou diante d'ella, e disse :

—Esqueceste-te da tua ceia.

A creança sacudiu a cabeça.

—Porque não vens? não te apoquentes por causa do cão, não ganhas nada com isso

—Julgas que o chefe o não venderá áquelle cavalheiro?

Benjamim, que tinha ouvido toda a conversa, não sabia como havia de responder; tinha pena d'ella, e não queria enganar-a.

—Não te apoquentes com isso, mas come esta sopa,— disse elle afinal, collocando a tijella sobre os joelhos.

—Oh! agradeço-te, — disse ella, — mas tu ficas sem quinhão.

Benjamim deu um assobio favorito.

—Asneira,—disse elle, —a velha de boa vontade me dará mais, porque desde que lhe disse que ella estava bem conservada, cai lhe em graça, apezar de que eu não acho. Ah! Ah! — disse o palhaço com uma das suas caretas comicas, que mesmo Magdalena não pôde deixar de sorrir.

—Mas, — continuou o alegre rapaz, — quando se precisa comer, é preciso agradar á cosinheira: ainda não aprendestes isso, pequenina, por isso não tens fortuna. E pena, porque és uma bonita pequena, e d'aqui a tres annos, — juntou elle dando um estalo explicativo com a lingua, — tu rivalisarás com a *outra*.

Quanto tempo elle continuaria a conversar não sei, por que o palhaço era grande fallador. Mas Magdalena, tendo acabado a sua refeição, que partilhou com Sirrah, deu-lhe a tigella e, agradeceu-lhe outra vez.

—Bem, bem; basta de conversa, vou vêr se a panella ainda tem alguma coisa — disse Benjamim, — e tu, Magdalena, — continuou elle baixando a voz, — vigia o teu cão, es-

pecialmente amanhã á noite, — e retirou se olhando para elle significativamente.

Magdalena, ficando só, reflectiu; não chorou, porque no curto espaço da sua vida já tinha chorado tanto que estava cançada, porém sentiu o coração bem opprimido.

Ella já tinha soffrido muito, mas este ultimo golpe excedia a tudo, porque a ameaçavam de lhe tirarem o seu ultimo amigo, e a isto não se sujeitava. A idéa de entregar o fiel companheiro de seu avô, e seu, nas mãos d'um estranho, excitava-a. Além d'isso ella não podia viver sem Sirrah. Não sabia como, porém, custasse o que custasse, havia de o livrar.

Por mais que ella pensasse, não encontrava um meio. Via claramente o perigo em que estava de perder o seu cão, mas o meio de o salvar estava obscuro. Chegaram as horas de deitar se. Magdalena conservou o cão ao seu lado, apesar das desagradaveis reflexões de Francisca, que declarou que não dormia no compartimento com aquelle animal. Mas quando ella ia tornar o dito verdadeiro, e o queria pôr fóra, Magdalena collocou-se diante d'ella.

— Não lhe toques, Francisca, — disse ella com apparencia branda, mas interiormente havia um preludio tempestuoso. — Elle não te faz mal, deixa-o só ficar esta noite, eu te peço.

O olhar de Magdalena impressionou a rapariga, e ella cedeu.

— Só por esta noite, — murmurou ella — porém aviso-te que o não tornes a trazer para o meu compartimento.

Magdalena ficou silenciosa; deitou se sobre o enxergão, pôz os braços em volta do pescoço do cão, e segredou-lhe: «Amanhã! ah! amanhã meu querido, não os apoquentaremos mais com a nossa presença. Ai de nós! onde iremos? quem nos receberá?» As lagrimas de Magdalena molharam o pello de Sirrah, e elle lambeu lhe as faces d'um modo consolador. Magdalena esteve muito tempo acordada; quando adormeceu teve horriveis sonhos. Sentiu allivio quando amanheceu, apesar de que a realidade era pouco melhor que os sonhos. Mas afinal chegou o dia, e Sirrah, sentado

a seu lado, fitava-a, abanando a cauda de um modo que mostrava alegria e amizade.

— Eu te livrarei. Sirrah, sim, eu te livrarei. — segredou a pequena ao ouvido do cão; — p des ficar certo de que não vaes para casa d'aquelle cavalheiro.



CAPITULO XV

A igreja da villa

Era sabbado: tinham acabado de armar o circo; a rapaziada estava contentissima. Depois de sairem do collegio

n'essa tarde, divertiram-se muito vendo os mysteriosos preparos para a representação que tinham annuciado pela manhã, tocando o grande tambor acompanhado pelo pifano e castanholas.

Magdalena tinha procurado toda a manhã um meio de fugir, mas não tinha conseguido porque a vigiavam. Não sabia o que havia de fazer, e de repente ouviu Judith muito zangada chamar pelos rapazes, e sem poder encontrar nenhum.

—Onde iriam?—resmungou ella,—naturalmente estão perdendo o tempo sem fazer coisa alguma, quando tanta falta me fazem. Eu não posso ir atraz d'elles, e preciso muito de um pouco de leite.

Judith, acabando de fallar, viu Magdalena assentada no tronco de uma arvore partida.

—Se aquella peste servisse para alguma coisa; disse ella entre os dentes.

No mesmo instante Magdalena levantou-se, e veio ter com ella, dizendo-lhe com alguma hesitação: «Se quer que lhe faça algum recado...»

O coração batia lhe cheio de esperança e receio ao mesmo tempo.

Judith olhou para ella desdenhosamente.

—Pódes ir buscar uma porção de leite?—disse ella afinal, n'um tom zangado.

—Parece-me que sim,—disse Magdalena.

—Espera, toma lá dois vintens, será sufficiente; não te demores, porque tenho pressa; preciso apromptar a ceia mais cedo.

—Parece-me que fiz mal em mandal-a,—disse Judith comsigo, olhando para a pequena que corria.—O meu filho avisou-me que a não perdesse de vista hoje, asneiras! ella não nos póde deixar, ninguém a quer!

Magdalena apressava o passo, seguida por Sirrah. Quando entrou n'outra rua, onde sabia que os penetrantes olhos da cigana a não viam, collocou a cafeteira n'um angulo do muro, notando o sitio. Sentiu que era este o momento decisivo para ella; o coração batia-lhe, olhava para todos que passavam com anciedade, parecia lhe que todos percebiam

as suas intenções, e que as participariam. Onde podia ella ir? onde havia de se esconder? perguntava ella a si mesmo, emquanto caminhava por uma rua que tinha bonitas casas d'ambos os lados, e jardins bem cultivados. Ella passou pela estalagem de que já fallámos; um pouco mais acima viu uma magnifica fonte, onde as lavadeiras fallavam todas ao mesmo tempo, muito depressa, e faziam tanta bulha, que não deixavam ouvir a agua correr. As criadas, com as mangas arregaçadas e seus aventaes brancos, lavavam as hortaliças, ou limpavam os utensilios da cozinha, e estavam todas reunidas á borda d'esta grande lagôa.

Magdalena passou sem ninguem reparar n'ella; ella viu a igreja da villa, por entre uma alameda d'arvores. Os sinos repicavam, era para as orações das tres horas; sem duvida haveria algum baptisado ou casamento. Ella subiu quatro ou cinco degraus, que a conduziram para um pedaço de terra coberta d'herva, em frente da igreja.

—Se eu entrasse aqui,—disse ella consigo.—Não é esta a casa de Deus? Vejo que não tenho outro refugio, eu me abrigarei aqui. Decerto que Deus me salvará. Maestro Gaspar não me vem procurar aqui, e demais ninguem me vê,—continuou ella, olhando para todos os lados timidamente, quando entrava o portico.

Ella estava só; entrou enudadosamente. Á direita da porta havia uma especie de esconderijo quasi escuro, onde estavam amontoados bancos, um pulpito e outros artigos da mesma especie; e no fim havia uma escada que dava comunicação para a torre. N'um canto atraz do pulpito, foi que Magdalena se occultou dos curiosos. Sirrah não lhe agradou o som dos sinos, e começava a uivar, porém Magdalena segurou-lhe no focinho, e ordenou-lhe silencio. Pouco depois o ministro, com suas vestimentas brancas, atravessou a nave, seguido por um joven par que se ia casar. Magdalena pouca attenção pode dar á cerimonia, o coração palpitava-lhe cheio de emoção; o seu ardente e unico desejo era não ser vista, portanto ouvia as palavras do ministro, mas não as comprehendia. Ir-se-hiam elles? ou ficariam para a procurar? quem sabe? se ficassem talvez a apanhassem outra vez.

—Oh! Deus!—segredou ella,—tem compaixão de mim! livra-me e faze com que aquella perversa gente não me encontre em tua casa!

Socega pequena! o Deus que tu imploras nunca abandonou aquelles que procuram refugiar se em seus braços. Tem sómente paciencia e fé!

Tendo concluído o serviço, Magdalena, tremendo, viu passar o sineiro, a dois passos de distancia, descendo aquella velha escada da torre, mal imaginando que alguém estivesse escondido n'aquelle canto escuro entre tantas trapalhadas. Primeiro saíram os noivos e convidados, depois o ministro, e por ultimo saiu elle, fechando a porto á chave. Que allivio que Magdalena sentiu! Estava salva, ainda que presa por algumas horas.

Eram quatro horas. O sol penetrava n'aquelle silencioso recinto, e derramava os seus raios dourados sobre as portas verdes e bancos vãos, assim como sobre as esculturas do bonito pulpito, de que os habitantes da villa não tinham pouco orgulho. Magdalena não se atrevia a sair do esconderijo, receando que o sineiro voltasse. O relógio da torre deu cinco, seis, sete horas; a pequenina continuava no mesmo sitio, segurando o seu cão nos braços. Afinal sentiu se cansada, e entristeceu; o templo parecia-lhe não ter fim; o profundo silencio n'aquellas abobadas, a aproximação da noite, tudo opprimia Magdalena; ella não era medrosa, mas qual seria a creança que não estivesse inquieta, fechada n'um logar tão solitario, onde a mais pequena bulha causava um som tão prolongado e mysterioso?

Magdalena começou a perder o animo quando anoiteceu. Receava não poder supportar a prisão toda a noite debaixo d'aquellas tristes abobadas. A fome a devorava; ella divertia se revolvendo as algibeiras, onde encontrou um canto de pão, que partilhou com Sirrah! era pouco, mas não havia mais. Quando voltou uma algibeira para sacudir as migalhas, encontrou o seu thesouro, que tinha guardado desde que se tinha decidido a fugir. Sim, era o livro do avô que estava ali, e apertando-o contra o coração para ter a certeza de que o possuia, sentiu aquelle agradável sentimento da

presença d'um amigo que a defenderia de todo o mal; o receio desapareceu, e em pouco tempo a orphã adormeceu na casa do Pae celestial.

O continuado ladrar de Sirrah despertou-a do seu sono. A porta abriu-se e ao mesmo tempo entrou o sineiro de lanterna na mão, muito admirado de ouvir um cão ladrar ali, e áquella hora da noite.

Magdalena, desejando impor lhe silencio, deu um pulo á frente, mas foi contra um banco que estava encostado á parede, que caiu fazendo grande estrondo.

O sineiro ficou espantado e exclamou:—Quem esta aqui? —em voz que denotava estar elle assustado, apezar da sua idade e experiencia.

Magdalena, tambem assustada, ficou quieta, segurando o focinho de Sirrah que gania baixo. O sineiro estava no limiar da porta sem saber se havia de recuar ou avançar em frente d'este occulto e mysterioso inimigo.

—Eu nunca tremi na minha vida, disse elle comsigo; não vou dar parte de fraco aos sessenta, é preciso vêr o que motiva esta bulha. Naturalmente foi algum cãesinho que está perdido na egreja.

Depois d'isto Luiz Ambrosio elevou a sua lanterna, e foi cuidadosamente para o sitio d'onde vinha a bulha. A' fraca luz da lanterna elle percebeu a cara d'uma creança com grandes olhos pretos e com um olhar supplicante e desanimado, e a cabeça de um cão cuja expressão era ao mesmo tempo ameaçadora e bondosa. A pequenita, ajoelhada, segurava Sirrah quanto podia, o qual estava com um pé no ar, as orelhas arrebitadas, a cauda cahida, as ventas abertas, prompto para saltar á primeira voz; no fundo os bancos velhos, o pulpito, e mais trapalhadas, e formava a moldura d'este quadro a triste abobada por cima de suas cabeças.

O sineiro parou surprehendido, e afinal disse:—O que fazes aqui, pequenina? Como entraste?

Magdalena estava n'um tremor.—Oh! Senhor, disse ella. Pelo amor de Deus não me ponha fóra, deixe me ficar aqui senão aquella cruel gente leva-me outra vez.

Sirrah, achando-se solto, foi cheirar o sineiro que re-

cuou, perguntando se elle mordia, mas tendo Magdalena affirmando que não, approximou-se e interrogou-a minuciosamente. A pequena sujeitou-se de bom grado, pois ainda que a sua voz aspera a intimidou ao principio, a expressão franca e benigna de sua physionomia mereceu-lhe toda a confiança.

—Então,—disse elle,—estás só no mundo, sem parentes, nem amigos?

—Nenhum—senhor! á excepção de Sirrah!—disse ella, olhando affectuosamente para o cão, que se tinha assentado defronte d'elles, contemplando os e dando á cauda.

—Sim, tu pareces um bom cão,—disse o velho, abaixando-se para lhe fazer uma festa,—mas não és sufficiente para amigo de uma pessoa, apezar de que,—ajuntou elle tristemente,—ha homens mais brutos do que os animaes como tu. Ah! assim é, mas ia-me esquecendo,—disse elle de repente,—já passam das dez no meu relógio, e ainda não toquei o sino! Deixa me subir depressa, pequenina, e quando eu voltar consideraremos o que se ha de fazer a teu respeito.

As reflexões que o bom sineiro fazia ao subir a longa escada, não eram animadoras.

—Bem,—dizia elle entre os dentes,—escusava-se d'isto; agora é mais uma despeza para a sociedade; já aqui temos creanças a mais, de todos os lados apparecem. Onde poderemos collocar esta pequena? o que dirá Suzana?

No meio d'esta embaraçada conclusão, elle começou a puxar a corda: não se pode dizer que os vibrantes sons, que rompiam o silencio nocturno, fossem tão regulares como o costume. Depois de concluir esta tarefa diaria, tornou a descer pausadamente. Chegando ao fim da escada, parou diante de Magdalena, que o esperava com receio e ao mesmo tempo cheia de esperança.

—O que havemos de fazer, pequenina?—disse elle, hesitando, como se fallasse comsigo.

Magdalena, implorando o, disse-lhe:—Não me pôde deixar ficar aqui até amanhã pela manhã?

—Deixar-te aqui? não terás medo?

—Oh! não! receio mais ser apanhada outra vez por

aquella gente, disse Magdalena estremecendo.—Eu não desejava sair da igreja até elles partirem.

Luiz ficou pensativo por algum tempo.

—Tens razão talvez, — disse elle. — Deixa-te ficar aqui socegada; em sendo tres horas, eu venho outra vez tocar o sino, escusas de te incomodar. Amanhã eu vou dar uma volta, e saberei se elles já marcharam. Portanto não tẽ apouquentes, minha pequena, e se podes, vae dormir.

Com um amigavel acêno, o sineiro desapareceu.

Magdalena suspirou, ficando alliviada, porque já se não achava desamparada, em seguida adormeceu.

A sorte de Luiz Ambrosio não foi tão feliz. Depois de sair da igreja, dirigiu-se de lanterna na mão para uma casa baixa, estreita, mas de uma apparencia aceada e agradável, mesmo defronte do grande portão, e rodeada por um pequeno jardim. Aquella hora estava fechada apparentemente, mas o velho com algum custo abriu parte da porta, que rangeu, entrou, e tudo ficou no mesmo silencio.

N'uma das janellas via-se uma pequena luz, e se alguem tivesse escutado, teria ouvido duas vozes animadas que continuaram fallando até alta noite. Entremos, caro leitor, e tomaremos conhecimento com os habitantes da humilde choupana.

CAPITULO XVI

A tia Suzana

Luiz Ambrosio, depois de ter fechado as portas de dentro, deu volta á chave, atravessou uma pequena lojinha de mercearia e fanqueiro, com todos os objectos mais procurados n'uma villa, e entrou na cosinha, que era de tamanho mediano, onde ardiam algumas achas do lar da chaminé, sobre as quaes estava collocada uma chaleira com agua a ferver; em cima de uma mesa muito limpa estava um candieiro; perto havia uma cadeira de braços antiga, de costas direitas, onde estava assentada uma mulher de idade, fazendo meia. Tinha um vestido de chita côr de castanha, um avental preto, um lenço branco no pescoço, e na cabeça uma grande touca branca com um folho que lhe cahia sobre a

cara. Era Suzana, irmã de Luiz. Quando seu irmão entrou, deixou cair a meia sobre os joelhos, pregou uma das agulhas nas suas madeixas brancas, e levantou os olhos para elle.

— Bem apparecido, Luiz, — disse ella tremendo-lhe a voz. — Não podia imaginar o que era feito de ti, julgava que não tornavas a voltar! Estiveste bebendo alguma pinga em casa do Nuno, hein? Na tua idade é demais.

— O que tens? — disse Luiz, apagando a lanterna ao mesmo tempo, e collocando-a n'uma pratelleira ao pé da porta.

— Fui obrigada a pôr mais lenha no lume para conservar a agua quente. Estava apoquentada, receando que tivesses tido alguma coisa.

— Graças a Deus, não foi nada d'isso, — respondeu Luiz, mas fiz uma singular descoberta.

— Uma descoberta? — o que foi! — exclamou ella, deitando ao mesmo tempo, perto do lume, agua n'uma machina de café.

— Imagina, — disse elle, — assim que abri a porta da egreja, ouvi um cão ladrar, e grande barulho; e o que pensas que encontrei? uma menina e um cão escondidos.

— Não é possível, — disse Suzana, levantando-se surprehendida, e segurando na mão a parte de cima da machina, da qual cahia o café sobre a chaminé.

— Cuidado, cuidado! — exclamou Luiz.

— Oh! querido! Eu não estava pensando no que fazia, disse ella, querendo reparar o que tinha feito. — Quem é essa creança? — continuou ella, cheia de curiosidade feminina.

Luiz então contou-lhe a historia de Magdalena em poucas palavras, e tendo concluido, Suzana tornou a pegar na meia. Depois perguntou:

— Com quem se parece ella?

— Não te posso dizer, não a pode vêr bem, ella estava pallida e assustada, coitadinha.

— O que tencionas fazer com ella?

Luiz ficou silencioso por um momento.

— Eu tinha tenção de a trazer para casa amanhã para a consolar e alegrar um pouco.

— Espero que não penses em conserval-a em casa; não

quero taes mendigas; quem sabe se ella será alguma mentirosa e ladra?

—Não acredito que seja mentirosa,— respondeu elle socegradamente,—a sua apoquentação era demasiada para poder inventar; demais, não devemos ser tão promptos a julgar mal de ninguém.

—Sempre o mesmo,—disse Suzana, descontente,—tu deixas te levar por qualquer, sem fazeres opposição. Eu, graças a Deus, não sou assim; não me enganam, o que é uma felicidade para a tua bolsa. Seria muito mais bem pensado levar esta creança immediatamente ao cura; elle se interessaria por ella, e a metteria n'um asylo, ou em qualquer casa particular.

—Talvez que assim fizesse!— respondeu o bom homem, mas não se mostrava convencido.— Amanhã veremos melhor o que se ha de fazer,—disse elle, levantando-se e espriguiçando-se.—Dá-me outra chavena de café; é tempo de descansarmos.

—Então,—disse Suzana hesitando,—amanhã pela manhã sempre trazes a creança para casa?— Luiz deu um sorriso inquieto.—Veremos amanhã,— respondeu elle: em seguida pegou no candieiro, e pouco depois se ouviram os seus passos por cima da cozinha.

Suzana, ou a menina Suzana, como a chamavam na villa, ficando só, sacudiu a cabeça varias vezes.—Pobre de mim!—murmurou ella—Elle está encantado. Esta pequena vem transtornar tudo em nossa casa. Nem o sabemos; eu não gosto de creanças! esta noite não durmo.

Emquanto assim discorria, guardava a meia, achegava as cinzas, e pegando n'uma luz, tambem desapareceu por uma pequena porta fronteira á loja.

Luiz Ambrosio tinha sido na mocidade um robusto rapaz. Elle era lavrador, e dirigia uma grande propriedade não longe da villa. Porém com a idade vieram os trabalhos, e uns poucos d'annos seguidos teve pessimas colheitas. A morte de sua mulher, e depois em pouco tempo a de dois filhos, privou-o da sua felicidade domestica; roubou lhe tambem toda a sua energia, e não tinha animo para trabalhar só. Deixou o casal, e foi viver com sua irmã, que ti-

nha uma pequena loja. Para não estar ocioso, procurou o logar de sineiro, mas como era emprego pouco rendoso, empregava-se fazendo cestos, trabalho que tinha aprendido na mocidade, e que agora lhe era de grande utilidade.

A historia de Suzana era semelhante ás de muitas mulheres suissas. Na sua mocidade foi ambiciosa, e desejava vêr paizes estrangeiros. Deixou a sua terra quando tinha vinte annos, e voltou aos quarenta, parecendo já velha, cançada, e desenganada de esperanças sem fundamento. Tinha juntado algum dinheiro com o suor de seu rosto, em troco da humilde felicidade domestica que poderia ter, se tivesse ficado na sua terra. Quando voltou, querendo empregar o seu tempo e dinheiro, pôz uma loja, para ter que fazer e ganhar a sua vida, e muito estimou quando seu irmão veio viver com ella, porque se achava muito só.

Havia seis annos que Suzana e Luiz viviam juntos socegradamente; a discordia raramente entrava n'aquelle humilde lar. Ambos eram muito socegados, e viviam em perfeita harmonia. Luiz talvez fôsse mais prudente e reservado que Suzana; fallava pouco, era excessivamente cuidadoso no que dizia, raramente expunha a sua opinião; de boa vontade seguia a de sua irmã, da qual mais tarde elle fez a sua propria. Suzana tinha bom coração, porém tinha tantos prejuizos e manias, que fazia com que os estranhos a julgassem enfadonha, excentrica. As creanças da villa respeitavam-n'a e temiam-n'a. Muitas vezes ella lhes dava doces, mas eram sempre acompanhados de protecções tão enfadonhas—ainda que bem merecidas é verdade—a respeito de terem os bibes rotos, as mãos sujas, e maus modos, que as creanças não sabiam se haviam de chorar ou rir!

No dia seguinte, assim que amanheceu, Luiz foi de passeio á villa, com um ar de indifferença, de mãos nas algibeiras, e encaminhou-se para o acampamento dos saltimbanco. Não havia duvida que esta gente se preparava para partir; em menos de uma hora estariam bem longe, pois já estavam apparelhando os cavallos.

Elles tinham corrido todos os cantos da villa em procura de Magdalena. Na vespera Judith, Francisca e Benjamim

tinham ido em busca da fugitiva; as duas mulheres, apesar de seus genios vingativos e maliciosos, desejando encontrar a creança, não se atreviam a fazer muitas perguntas, receiando attrahir a attenção para a companhia, o que lhes podia causar grande prejuizo. Emquanto a Benjamim, temos a certeza de que, se elle a visse, voltaria a cara para o outro lado, porque estava decidido a não a entregar.

Pouco depois das sete horas, Luiz teve a satisfação de vêr as caravanas passarem pela sua casa. Suzana tambem as viu da janella da cozinha, e ainda não tinham voltado a esquina, já ella chamava o irmão, dizendo-lhe:— Vês, Luiz? já se foram.

— Sim, bem vi, — respondeu elle sem se mexer.

— Não vaes buscar a pequena? Ella deve ter muita fome,

— Não ha pressa, — disse vagarosamente; — espera até eu ir dar o primeiro signal no sino para as orações da manhã; depois eu a trarei para casa.

Suzana nada respondeu; ella bem sabia que de nada servia discutir com seu irmão, quando se lhe mettia qualquer coisa na cabeça; assim voltou para a cozinha, suspirando varias vezes emquanto a arrumava.

— Tenho que conservar o almoço quente por mais uma hora, — disse ella, — e isso fará com que eu não possa ir á igreja. Ah! que infelicidade que foi Luiz ter encontrado esta creança; nós estavamos tão felizes, e ella vem transformar o socego d'esta casa!

Ainda assim, sem saber porque, estava impaciente por ver a pequena; não deixava de ter curiosidade feminina.

Afinal Luiz veiu com toda a sua pachorra, tirou a chave do prego, e encaminhou-se para a igreja.

Era uma bonita manhã de setembro; tinha começado cheia de nevoeiro, porém agora estava tudo claro, e os contornos das montanhas estavam perfeitamente marcados no céu azul escuro, parecido com o da Italia. A grande fonte corria sobre o seu tanque de pedra, os pombos, satisfeitos de se verem livres das lavadeiras e creadas, banhavam-se alegremente na agua, sacundindo as pennas ao sol, e endireitando-as com os bicos. Tudo isto viu Magdalena quando saiu da igreja timidamente. O sineiro foi

adiante para a introduzir na pequena loja onde Suzana os esperava. Magdalena sentiu um tremor quando viu aquelle magro e rugado rosto, com a grande touca cheia de gomma. Ella, vendo a orphã com o fato desordenado e olhar triste que indicava miseria e abandono. teve compaixão d'ella e fallou-lhe com tanta bondade e brandura que a animou, e seguiu-a para a cozinha, onde não foi necessario ser rogada para almoçar bem.

Vendo que a pequena partilhava o seu almoço com o fiel Sirrah, Suzana encheu uma tijella de sobejos, e deu ao cão.

—Come aqui, minha belleza,— disse ella bondosamente, —e não tires o quinhão á tua dona

—Oh! obrigada minha senhora,—disse Magdalena com um olhar tão grato que tocou o coração de Suzana.

Foi o sufficiente para lhe ganhar a affeição, que augmentou quando ella depois da sua refeição lhe perguntou com modestia, se a podia ajudar n'alguma coisa.

—O que podes fazer, creança? disse ella admirada.

—Não muito, minha senhora, porém farei a diligencia, —e ao dizer isto a orphã olhou para ella com seus meigos e tristes olhos escuros.

—Ajunta toda a loiça, e leva-a para aquelle lado, para eu a lavar; depois pega n'um pannão, e ajuda me a limpá-la, e a pôl-a no seu logar.

Magdalena era esperta e tinha juizo; ella cumpriu tudo isto tão bem, que Suzana estava contentissima, e disse a seu irmão que a creança era incomparavel, pelos seus modos engraçados e esperteza.

Não tinha passado um dia, e já estes bondosos corações amavam a orphã, e durante a tarde as falladoras do sitio vieram umas atraz das outras, cheias de curiosidade mal disfarçada, para a vêrem, pretendendo comprar qualquer coisa, mas Luiz bem as percebia.

—Faze a diligencia de as fazer retirar,—disse ella, a sua irmã, tocando-lhe no cotovello. Não fazem nada aqui; de que serve tanta conversa?

Porém era o mesmo que mandar parar a fonte. No dia seguinte todos na villa sabiam a historia de Magdalena;

com o pretexto de comprarem agulhas, linhas, e livros para escripta. moças e velhas iam á loja para vêrem a estrangeira que, envergonhada, se pôz n'um canto. Algumas almas caritativas tiverem dô d'ella, por vê-la tão mal vestida; uma trouxe-lhe um vestido, outra uma saia, outra um avental; deram-lhe tanta coisa, que Suzana disse que em pouco tempo ella não teria onde guardar tudo,

De tarde, quando ellas estavam examinando as dadas, para vêr o que se podia arranjar, abriu-se a porta.

—Está cá, senhora Suzana?—perguntou n'um tom brando e agradável uma voz feminina.

—O quê, minha senhora, sois vós?—exclamou Suzana, tirando os olhos apressadamente e, deixando cair o que tinha na mão, encaminhou-se para a sua visita.

Era uma senhora de seus trinta annos, d'uma apparencia simples e delicada, que se approximou sorrindo, e disse: «É verdade, senhora Suzana, que recolheram uma pequena desamparada?»

—É sim! minha senhora, não o podemos evitar,—disse Suzana, como quem se quer desculpar,—não sabiamos o que havíamos de fazer.

—Onde está a pequenina.?

—Está aqui,—disse Suzana, apresentando Magdalena á sua visita, que a puxou para si, e a interrogou com tão boas maneiras, que Magdalena logo se familiarizou com ella, e lhe contou tudo minuciosamente. Por varias vezes as lagrimas vieram aos olhos da senhora do cura, enquanto a escutava.

—Como se chamava teu avô, minha menina?—disse ella afinal.

Magdalena hesitou e còrou, e concluiu por confessar que não sabia.

—É pena,—disse ella;—porque de certo que elle devia possuir alguma coisa na Suissa, que poderíamos reclamar para ti; não te lembras tambem do nome da villa onde teu avô vivia?

Lembrei-me agora de uma coisa, minha senhora, creio que deve estar escripto no meu livro.

Dizendo isto, correu a ir buscal-o, e entregou-o nas mãos

da senhora D. Brigida que, abrindo-o, viu na primeira pagina, em letras soltas, e já desvanecidas pelo tempo, as seguintes palavras:

«A' minha filha Catharina, em lembrança da sua primeira communhão.»

O livro do avô tornava a fallar, pois em seguida designava a terra onde habitavam.

—Muito bem, disse a senhora do cura, temos a parte essencial, que é a direcção. Parece-me que meu marido conhece o cura de lá, e elle lhe escreverá para saber alguma coisa a este respeito.

D. Brigida era uma senhora muito activa, e bem disposta; nunca deixava para amanhã o que podia fazer hoje. Como tinha o nome e direcção de João, o avô da pequena, depois de ouvir as gratas e sinceras expressões de Suzana saiu da loja. Magdalena correu á porta, e admirou a figura d'aquella joven senhora, quando ella descia a rua a passos ligeiros. Magdalena, depois do susto por que passou, só agora é que começava a animar-se; durante os primeiros dias da sua estada em casa do sineiro, qualquer som que ouvia a fazia estremecer, e escondia-se assim que ouvia rodar um vehiculo pesado na rua. Não queria sahir, pois muito receava que os ciganos a tornassem a apanhar.

Eram necessarias as repetidas affirmativas de Luiz, e mesmo do cura para socegar a pobre pequena. O tempo tambem teve grande influencia sobre ella, e no fim d'uma semana começou a sentir os bons effeitos da mudança de vida, e o rosto apresentava uma expressão de mais confiança e franqueza, e seus olhos escuros brilhavam com a descuidada alegria da mocidade; comtudo nunca perderam um certo ar melancolico que lhe augmentava a expressão encantadora da sua intelligente physionomia.

O que mais causava admiração á boa Suzana era não a ter roubado. A idéa que formava de creanças vadias estava completamente mudada. Magdalena era tão grata por tudo, que fazia toda a diligencia de ser util aos seus protectores. Suzana ás vezes achava que ella estava demasiadamente alegre, que seus movimentos eram ligeiros demais na loja, porém os freguezes gostavam mais

que ella os servisse, porque suas ageis mãos encontravam os differentes objectos mais facilmente que Suzana.

A resgatada pequena em pouco tempo era a favorita de todas as creanças da villa; tendo perdido todo o receio de a apanharem, a alegria da juventude voltou, e a originalidade e esperteza de que era dotada, faziam com que ella tivesse sempre o primeiro logar entre as jovens companheiras; ella sabia dirigir e inventar novos divertimentos, e sobretudo o que mais divertia suas companheiras, era ouvil-a contar parte da sua vida passada, e alguns fragmentos das peças dramaticas.

As creanças, de bocca aberta, a escutavam. Ella recitava-lhes as representações improvisadas por maestro Gaspar, as graças de Benjamim, descrevia-lhes os bonitos cavallinhos e suas habilidades; porém de Pedro nunca fallava; para ella era um assumpto tão sério que não queria fallar n'elle diante d'uma audiencia tão indifferente, e raramente fallava de Francisca, porque receava os sentimentos de odio que ainda nutria no coração.

Sirrah partilhava dos carinhos e atenções, geraes. Um dia quando Magdalena estava no meio d'um numeroso grupo, expondo o talento do seu valido, o cavalheiro que o tinha querido comprar, passando por ali, parou ao pé das creanças. Assim que ella o viu ficou afflicta, correu para Sirrah, poz lhe as mãos em volta do pescoço, gritando:

—Oh! meu senhor, peço-lhe que o não leve, elle é meu, e muito meu!

—Eu não penso em compral-o,—respondeu elle brandamente,—eu ouvi a sua historia, a qual bastante me interessou, e por modo nenhum desejo separar dois amigos tão fieis e affectuosos; apezar de gostar muito de cães, nunca tomarei posse do seu.

Magdalena recuperou animo.

—Muito lhe agradeço, senhor,—disse ella;—eu nunca venderei Sirrah.

—Tens razão, minha pequenina,—disse elle;—mas se me queres fazer um favor, é trazer o teu cão á minha casa, para elle fazer as habilidades que sabe; eu lhe darei alguma coisa em recompensa.—Assim ficaram reconciliados.



CAPITULO XVII

Restituida

Tres semanas depois o cura entrou para a parte de dentro da loja onde Magdalena estava assentada ao pé de Suzana esbulhando favas. Ambas se levantaram para lhe falar, e offereceram lhe uma cadeira.

— Senhor, — disse Suzana, — que boas noticias nos traz ?

— Não sei se lhe agradarão muito minha boa Suzana.

Magdalena, — continuou elle voltando-se para ella, — já recebi resposta. O cura estava ausente, por isso só agora

è que pode attender ao meu negocio. Tenho boas noticias para te dar, minha menina. — ajuntou elle sorrindo.

Magdalena, sem saber porquê, sentiu bater-lhe o coração, e Suzana era toda ouvidos.

— O teu avô não morreu!

— Oh! senhor, é possível? onde está elle?

— Socega menina, — disse o cura, collocando-lhe a mão sobre o hombro que tremia bastante. — Deus concede-te este grande prazer. Teu avô esteve muito doente na Saboia, mas restabeleceu-se, e voltou para a sua villa bastante pezaroso de não saber de ti; agora deseja ardentemente que vás immediatamente ter com elle.

Magdalena estava fóra de si d'alegria; debulhava-se em lagrimas, e deitou se nos braços de Suzana, que estava tão commovida como ella. Sirrah estava inquieto com o proceder de sua dona, olhando para ella d'uma maneira interrogativa.

— Oh! Sirrah, meu querido e fiel Sirrah! — exclamou ella, pondo-lhe os braços em volta do pescoço. — Não entendes? O avô vive! O avô voltou para casa! nós vamos ter com elle. Oh! é demasiada felicidade! — e descansou a cabeça sobre a do seu companheiro nos trabalhos.

O intelligente animal conheceu o nome de seu dono, deu á cauda, e correu para a porta, como quem dizia: «Magdalena, vamos, vamos então depressa!»

Como podemos descrever as horas seguintes? Magdalena já não sabia onde estava, e Suzana não estava menos alterada. A senhora D. Brigida, sempre tranquilla e prompta para ajudar, veiu remendar o pouco fato que a creança tinha, vestiu-a e offereceu-se para acompanhala na sua pequena jornada.

Era forçosa a despedida, que custou algumas lagrimas á orphã quando deixou o lar hospitaleiro, onde tinha sido tão generosamente recolhida. Luiz e Suzana apartaram-se com sentida magoa da alegre e encantadora Magdalena, a quem já tinham tanta amizade, e imaginavam poder tel-a sempre na sua companhia. Agora viam se obrigados a entregal-a: e o seu lar ficaria triste e silencioso.

Animae-vos, minha boa gente! Deus, que vê tudo, sa-

berá recompensar-vos pelo que fizeram por esta pequenina. Magdalena não vos esquecerá; e talvez um dia se tornem a vêr.

Às seis horas da tarde n'aquelle dia, o carro que fazia a carreira para a estação mais proxima, entrou na villa cheio de campainhas, e ouvindo-se estalar o chicote,

Dentro levava uma senhora e uma menina, a qual segurava com grande difficuldade um lindo cão, que diligenciava saltar por cima da portinhola do rustico vehiculo.

— Veja, disse Magdalena — porque era ella, que segurava com firmeza Sirrah com ambas as mãos, — não posso mais segural-o, mas não quero que elle appareça diante do avô antes de nós.

— Coitado, — disse a sr.^a D. Brigida; — elle conhece o sitio, e cheira-lhe o dono, deixa-o ir, causa dô vêr os esforços que elle faz.

Magdalena não obedeceu ás palavras da sua protectora, porque queria fazer uma completa surpresa ao avô.

O carro parou defronte do correio. A sr.^a D. Brigida foi a primeira que se apeou; em seguida desceu Magdalena segurando Sirrah. o qual deu um salto de repente com tanta força, que ella não poude segural-o e quando o procurou já tinha voltado a esquina.

O velho João, encostado ao bordão, que raramente largava desde que esteve doente, saia do seu jardim n'aquelle occasião para ir ao correio vêr se havia alguma carta de Magdalena. quando sentiu uma coisa vir-lhe contra as pernas. O velho conheceu logo Sirrah.

— Meu velho companheiro! — gaguejou João, muito comovido, — és tu! afinal estás aqui! O que fizeste com Magdalena? onde está ella?

O intelligente animal olhava para seu dono, dava á cauda cheio de alegria, e atravessou a rua como um relampago.

Poucos minutos depois, João apertava ao coração sua querida neta. A sr.^a D. Brigida depois de lhe ter entregado o seu thesouro, prudentemente os deixou, e partiu satisfeita de vêr a felicidade d'estes tres amigos novamente reunidos.

— Avô, oh! avô! — disse Magdalena, lançando-se nos braços do velho — eu estou demasiadamente feliz! Como Deus é bom!

— Sim, minha filha, Deus é muito bom! Elle nos tem guiado e librado de todo o mal. Elle ouviu as minhas ardentes orações, porque fez com que me fosses restituída; e tu não te esqueceste d'Elle, não é verdade?

— Foi o seu livro que fez tudo isto; se o não tivesse não teria pensado em Deus, teria esquecido tudo o que o avô me ensinou não poderia ter consolado Pedro quando elle estava doente; e sem ter-me-hia sentido muito mais infeliz e desamparada sem este livro. Agora o avô não me deixará mais?

— Não, não, enquanto Deus quizer — respondeu João, correndo-lhe ao mesmo tempo as lagrimas pelas faces; — mas a minha ultima doença enfraqueceu-me muito, e Deus me levará qualquer dia. Porém esta idéa não te deve assustar Magdalena, porque o livro nunca te deixará, e Deus proverá sempre, como tem feito até hoje.

— Oh avô, não falle n'isso agora, — disse Magdalena olhando para elle affectuosamente. — Diga-me como o curaram, e como voltou para aqui. O maestro Gaspar mentiu quando me disse que tinha morrido.

— Certamente. Eu estive muito doente alguns dias, mas as excellentes enfermeiras trataram-me tão bem, que no fim de quatro semanas estava em pé. Assim que pude fallar, perguntei por ti, minha filha, mas só quando me viram bom, é que me disseram a verdade. Não podes imaginar, Magdalena, qual a minha afflicção quando soube que tinhas ido com os saltimbancos; tenho tido momentos horriveis, apesar da minha fé em Deus!

Magdalena apertou-lhe a mão.

— Como poudes o avô viajar sem ter dinheiro?

— Escrevi ao nosso bom cura, contando-lhe a minha situação; porque não podia continuar por mais tempo fazendo despeza áquella honrada gente; o bom velho mandou-me logo o necessario para a minha jornada; cheguei a salvo, porém muito triste por me achar só. Mas o Senhor nos reuniu outra vez, louvado seja o seu santo nome!

Magdalena abaixou a cabeça, cruzou as mãos, e orou em silêncio.

Que mais poderemos dizer, caros leitores? Magdalena está agora feliz e salva. Vae ser a alegria e apoio de seu veneravel avô. Siga a vida que seguir, estamos certos que será abençoada: porque o livro do avô fará sempre proceder em seu coração a obra ali começada na infancia pelo Espirito Santo.

*25 - main June 1887
8-11-87 - 11/87*

FIM

ZTC



